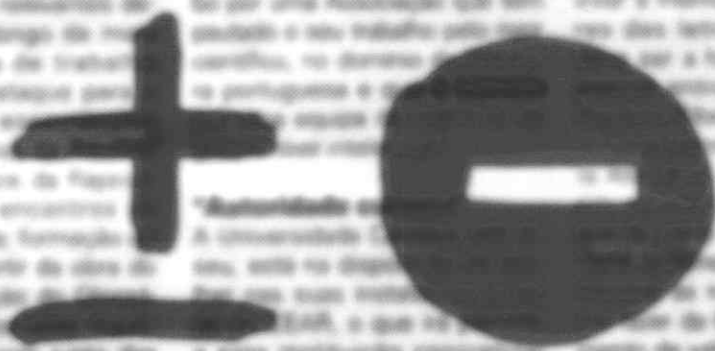


Arsénio Mota

O Vírus Entranhado

bibRIA





Concelho de Oliveira do Bairro
Distrito de Aveiro
3770-355 Patença
Portugal

bibRIA

bibRIA

O Vírus Entranhado

bibRIA

ALGUMAS OBRAS DO AUTOR:

- Som de Origem – Arte d’escrita*, Livros Horizonte, Lisboa, 1985.
A Última Aposta, contos, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.
Artistas ao Norte, Porto Editora, 1989.
Júlio Resende – A Arte Como/Vida, Liv.ª Civilização, Porto, 1989 (org. e co-autor).
Letras Bairradinas – Antologia, ed. AJEB, Anadia, 1990.
Estudos Regionais (Sobre a Bairrada), Liv.ª Figueirinhas, Porto, 1993.
O Museu no Sótão, crónicas, pref. de Arnaldo Saraiva, Liv.ª Figueirinhas, Porto, 1993.
António de Cértima – Vida, Obra, Inéditos, Liv.ª Figueirinhas, Porto, 1994.
Armanda Passos, Campo das Letras, Porto, 1997 (org. e co-autor).

Contos para Crianças:

- Os Segredos do Subterrâneo*, Prémio Internacional da Juventude, 1986; 2.ª ed., Ed. Caminho, Lisboa, 1995.
Histórias com Historinha Dentro, ilust. Júlio Resende, Liv.ª Figueirinhas, Porto, 1986.
A Roda Que Saiu dos Eixos, ilust. Luísa Brandão, Edições ASA, Porto, 1987; 2.ª ed., 1994.
A Sopa das Nove Letras, ilust. Emerenciano, Porto Editora, 1988.
Tenho uma Ideia, ilust. Júlio Resende, Porto Editora, 1989 (esg.)
A Nuvem Cor-de-Rosa, ilust. Júlio Resende, Edições ASA, Porto, 1989; 2.ª ed. 1993.

Colecção Tapete Voador, edição Campo das Letras, Porto:

- A Corte na Aldeia*, ilust. Armanda Passos, 1996.
O Segredo da Rocha, ilust. Emerenciano, 1996.
A Bandeira Escondida, ilust. Fernando Lanhas, 1998.
O Mistério da Floresta Mágica, ilust. António Modesto, 1999.
A Ilha das Bocas Abertas, ilust. Carlos Carreiro, 1999.

Arsénio Mota

O Vírus Entranhado

Contos



Concelho de Oliveira do Bairro
Distrito de Aveiro
3770-555 Palhaça
Portugal

biblioteca

Ilustrações de
Avelino Rocha

O Vírus Entranhado

Autor: © Arsénio Mota

Ilustrações: Avelino Rocha

Direcção gráfica e capa: Magenta • design global

© CAMPO DAS LETRAS - Editores, S. A., 1999

Rua D. Manuel II, 33 - 5.º 4050-345 Porto

Telef.: 22 6007728 Fax: 22 6004019

E-mail: campo.letras@mail.telepac.pt

Site: www.campo.letras.pt

Impressão: A.T. - Loja Gráfica, Lda.

1.ª Edição: Outubro de 1999

Depósito legal: 143653/99

ISBN: 972-610-205-7

Código de barras: 9789726102052

Colecção: Instantes de Leitura - 10

A EDIÇÃO DESTE LIVRO TEM O APOIO
DA CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DO BAIRRO

O mundo

Primeiro estranha-se, depois entranha-se.

FERNANDO PESSOA, publicitário da Coca-Cola.

bibRIA

bibRIA

Impressão A.T. - Lota Gráfica, Lda.
12 Edição: Outubro de 1998
Depósito legal: 144534/98
ISBN 972-610-305-7
Código de Barras 9789726103057

Editorial: Imprensa de Lota - 10

A todos os que, com o seu apoio,
nos ajudaram a publicar este livro.

O zumbido

Tornou-se audível quando se abriu um silêncio repentino na sala da redacção. No interior da pausa emergiu então aquele zumbido nítido. A pausa era invulgar, por isso despertava atenção, mas não incomodava menos do que o zumbido. Dever-se-ia a quê? Talvez, inadvertido, existisse há muito tempo no segredo das coisas elementares que vão crescendo ao abandono até se declararem de golpe, em ameaças consumadas. Nunca ninguém dera por ele e apenas o velho jornalista parecia agora escutá-lo.

Sentado à sua mesa, o velho ergueu os olhos dos papéis e tentou localizar a fonte do som rodando o pescoço num lento *travelling*. De momento não se ouvia uma campainha, uma única conversa em voz velada, qualquer porta a bater na moldura, como se toda a gente, subitamente posta de acordo na casa da discordância, tivesse passado à escuta. O zumbido ampliou-se, já parecia ressoar no silêncio, mas talvez o excesso da vibração o tornasse fantasmático, ao dissolver a sua presença por debaixo das mesas. Seria mais um barulho para não ouvir na amplidão desamparada da sala.

Lembrava o canto dos ralos nos campos secos e pedregosos aquecidos pelo Verão transmontano, que era um som da sua infância, ou uma leve crepitação de lâmina metálica a saltar ou a raspar nos dentes miúdos de uma pequena roda girando com velocidade regular. Lembrava mesmo, na secção das memórias auditivas, o som antigo das máquinas de escrever quando lhes rebobinava a fita. Só que as poucas máquinas de escrever sobreviventes repousavam em cima dos armários, onde se cobriam de poeira, ou vagueavam sem uso pelo tampo das secretárias. Enfim, ninguém estava à vista, a rodar as bobinas com as pontas dos dedos e, portanto, não era delas que o zumbido provinha... e os campos transmontanos eram demasiado longe.

Um contínuo passava ao fundo, em bicos de pés, enquanto outros, em grupo, liam maços de jornais e todos os jornalistas presentes se debruçavam,

silenciosos, em graves ocupações. Nem uma campainha retinia. No entanto, aquele zumbido mantinha-se – ininterrupto, regular, inalterável – e, estranhamente, ninguém parecia notá-lo além do velho jornalista. Era tão idoso – segundo ele próprio dizia – que começara por manuscrever as notícias em pequenos rectângulos de papel cortados à faca. Escreveu com caneta de tinta permanente, depois usou esferográfica (os puristas da língua teimaram em lhe chamar bolígrafo!) e logo com as máquinas de escrever, substituídas pelos teclados de computador quando ele já se abeirava da reforma, justo sossego.

Completaria dentro de poucos meses trinta e seis anos de profissão, da qual pouco recebera talvez porque sentia pouco tudo quanto podia dar-lhe, aturando desconsiderações e sobranças de arrivistas ávidos e abusos, intrigas e violências, discriminações, mil sujidades infames que não o deixaram sair da condição de cepa torta. Com o seu feitio sério e calado, que o dava como pessoa mansa e sem ambições, foi sempre o eterno preterido e o injustiçado da redacção. Cometeu um erro, via-o demasiado tarde: deixou que se virassem contra ele próprio as suas qualidades profissionais e humanas, admitindo uma espécie de expropriação que outrora se lhe afigurou o menor dos males, e por isso sempre fora escada de ascensão dos outros, que se iam alçando na profissão e dela saltavam ao primeiro ensejo ou nela ficavam (ai, tantas vezes!) comprados. Para o velho jornalista, a profissão valia tudo: era, fatalmente, «o seu caminho». Para os outros, à evidência, não passava de um meio, o mais fácil, de alcançarem o objectivo. Serviam-se do jornal, enquanto ele queria servir os leitores.

Ah, se desatasse a falar, o que diria! Assistira a escândalos, a manobras de bastidor, a golpes de teatro. Presenciara acrobacias, manipulações, negociatas impunes de milhões. Viu de cócoras, a rastejar e a mendigar, muitos dos que hoje dão lustro aos seus galões e ostentam a máscara altiva do orgulho. O que ele diria! Atravessara muitas estrumeiras fétidas e, tendo sujado apenas as solas, sentia-se pronto para rebentar e vomitar tudo o que sabia. O velho era um repositório vivo de safadezas, canalhices e escroquérias de vários calibres, que a seus olhos demonstravam como eram escassas as pessoas educadas para a liberdade, pouca que seja, e, querendo-a para si, estão prontas a respeitá-la nos outros. Surpreendia-o especialmente que o

vulgo, a chamada opinião pública, tomasse como inteligentes ou respeitáveis essas pessoas que chafurdavam em busca de poder e dinheiro, e por isso estavam sempre prontas a camuflar em público a corrupção e a arvorarem-se em juízes de obscenidades alheias.

Ah, se rebentasse!... Seria um escândalo de escândalos. Mas ele não pretendia desforras, ajustes de contas, nada disso. O velho jornalista sentia-se memória viva dos últimos trinta e seis anos do seu jornal e, especialmente, das transformações tremendas por que passou o jornalismo no país, que o mesmo é dizer, a composição dos poderes durante o mesmo período de tempo. Reconhecia que o público não tinha sentido crítico digno desse nome, ou seja, que era capaz de passar a vida a comer gato por lebre, e desprezava os seus hierarcas, conforme designava quem o comandava, gente nova que lhe saltara por cima graças a cumplicidades, arranjinhos e comércios de influências evidentemente úteis para quem quer progredir depressa e bem na carreira ao ponto de se tornar em inimiga mortal da independência que, na opinião do velho, todo o jornalista deve manter na sua profissão. Mas ele conhecera outro regime e outro tempo e, se repudiava a presente ordem de coisas, não era para a substituir por outra ordem pretensamente melhor. A experiência ensinara-o a desconfiar de todas as ordens ao ponto de desejar agora a anarquia como o mal menor.

Olhando em torno, o que via? Servos de certos senhores transaccionados ao custo de uma refeição e uma palmada nas costas à sobremesa e, por fim, uma promoçãozinha desprezível em troca de feudal vassalagem. Os cegos vivaços detestavam a sinceridade neles próprios não menos que nos outros, nos outros que denegriam incansavelmente com intrigas e dichotes. Bastava-lhes ver de gravata e bom fato um colega que antes se mostrara de colarinho aberto para cochicharem que o tipo andava certamente em volta dos administradores para obter uma promoção. Veja-se ali o Meireles, saco de vento malcheiroso, que fizera uma carreira «brilhante» sem escrever uma linha, mas cheio de cedências ao telefone, em conversinhas intermináveis. Veja-se, ao lado, a estagiária apetitosa que tivera o desplante de, ao fim de dois meses de trabalho, já afirmar sem pejo que não ia permitir que a sua reforma fosse afectada devido ao excesso de pensionistas da Segurança Social – e dizia-o na cara dele, que carregava no lombo trinta e cinco anos de

descontos obrigatórios! – e veja-se, perto dela, a Matilde, exemplo de rapariga emancipada que progride na carreira a florir sorrisos para quem manda e a abrir-lhes as pernas quando calha. Veja-se o Armando, retornado que fazia dos brancos pretos, que era olhos e ouvidos dos patrões, o seu rafeiro amarelo. Veja-se o Tavares Real, que também nunca passara da cepa torta, mas que de tudo se ri queixando-se do pouco que leva a sério nos jornais e já a desconfiar que esse pouco desaparecerá quando lhe chegar o momento de saber mais; reconhece que não vem à redacção trabalhar, vem, sim, descansar do seu outro emprego. E o Alves? Colocara ali o seu talento entre parêntesis e curava com ironias bem-humoradas a marginalização que o levava de regresso à literatura. Veja-se o Silva, negociante impune de contrabandos vários, que misturava nos negócios uma repelente diligência como denunciante já sem segredo para ninguém; escrevia com os pés e aos pontapés, mas justificava-se com esta queixa peregrina: a escola que o licenciara não soubera ensiná-lo, eram os professores que não sabiam...

Ali permaneciam todos debaixo dos olhos uns dos outros. Panda enrugava a cara como um estregão de cozinha a torcer-se para largar a água suja ao afiar o olhar míope sobre o papel, desejando sem dúvida estar novamente de baixa com cólicas, colítes e entrecolites. Anto mordisca a cigarrilha enquanto cofia o bigode, a pensar nos seus outros três empregos – num deles, pelo menos, está a faltar neste momento. Um chefe pega na tesoura censora para recortar num jornal concorrente uma notícia que lhe convém sumir. O Zé chega quando quer e tosse forte para se fazer notar. Santos, contínuo reciclado de tipógrafo, arrasta-se como um velho, embora diga que tem 53 primaveras. Vai em direcção à cantina, onde uma empregada troca breves palavras de ternura, ou nem isso, pelo seu dinheiro. E o Retórico, que atravessa a redacção como um bispo-conde para apertar a mão a toda a gente, depois cai na cadeira e pega no telefone para cuidar longamente da sua ascensão...

Sim, era gente mesquinha em demasia, tão invejosa quanto sem imaginação. Mostrava-se tão manobrável que declarava estúpidos os poucos que não jogavam o seu jogo, preferindo as pedras de outros tabuleiros. Como poderia brilhar o jornalismo, ali ou noutras redacções, jornalismo outrora com algum poder e prestígio, movido agora por tal gente? Conhece-a



Avilino Rocha 95

The background of the page is a light gray, textured surface. It features a dense, overlapping pattern of faint, stylized library stamps and labels. These stamps are in various orientations and sizes, some containing text like "LIBRARY" and "STAMP". In the lower right quadrant, there is a faint, sketchy illustration of a person sitting and reading a book. The overall aesthetic is that of a vintage or archival document.

bibRIA

bastante de perto o velho jornalista, pois a observa há longos anos. Àquela gente sobra em ambição o que lhe falta em escrúpulos. Tem realismo a mais e romantismo a menos.

Sim, romantismo a menos! Ele reconhecia-se, era um romântico, o Tavares Real e o Alves eram outros românticos abrigados em capas de cinismo transparente que não iludiam ninguém. Românticos eles, poucos, já idosos, e cansados, e desenganados, porque amavam em demasia aquela profissão que sem reservas os dava ao público e que não podiam largar.

O velho jornalista conhecia as particularidades de cada um dos seus próximos, as suas manias e pequenos tiques: este corria a desinfetar com álcool a mão que um visitante, pobre tipo, acabava de lhe apertar; aquele fingia-se muito interessado em mulheres e era pederasta; aqueloutro descalçava os sapatos para refrescar os pés porque andava sempre com a cabeça gelada (um dia esconderam-lhe os sapatos, andou horas em peúgas, de cabeça perdida), enquanto o pulcro lavava cuidadosamente as mãos antes de urinar. Um encharcava-se diariamente em álcool, outro demonstrava dias a redigir um texto, e eram numerosos os que, sem ideias, não sabendo escrever direito, queriam o seu nome até nos mais pobres textos e a sua cara nas fotografias. Melhor ainda o velho jornalista conhecia em cada um deles as servidões e devoções pessoais (que reduziam a pó páginas inteiras de preceitos da deontologia profissional, aliás cada vez mais espezinhada em nome da liberdade que, no fundo, tão poucos queriam ter) e que se manifestavam em público com espalhafatos de propaganda.

Esta gente não dava apenas cabo dele e dos outros poucos como ele. Destruía especialmente o futuro dos jornais, agindo com a terrível desenvoltura de cegos que se julgam guiados por Deus na medida em que cedem ao egoísmo. A imprensa vai caindo no buraco, já ninguém esconde a baixa constante das tiragens, e eles, ratos loucos, continuam a roer o casco do barquinho em que navegam.

Ah, se rebentasse! Se vomitasse toda a amargura do que sabia! Mas quem iria acordar ao som da sua voz? Não quer o vulgo sempre mais espectáculo ainda que escasseie o pão? E não têm razão os que repetem que o país tem os jornais que merece e que são, por isso mesmo, o seu espelho?

O zumbido soava agora como um marulhar extenso, intrigante, aterrador. Fazia vibrar o pavimento, as paredes, o tampo da mesa onde o velho jornalista apoiava os cotovelos, de mãos na cabeça prestes a explodir. Até o ar vibrava, electrizado por uma convulsão incompreensível, e ele sem saber a origem de tudo aquilo! Podia recear-se um abalo telúrico, raro, embora não impossível, na cidade, mas toda a redacção se mantinha absorta, sem dar por nada. Envolvia-se num alheamento singular, como se toda a gente houvesse ficado encantada no repente de um passe de mágica, ou como se a cena pertencesse a filme mudo que tivesse imobilizado a imagem na tela.

Teria que ser ele a única testemunha da hecatombe?

Associando ideias, o velho jornalista recordou de relance o sofrimento sofrido com a tortura de estátua às mãos da polícia política. Ao fim de infinitos dias no «moinho», delirava, mas um policial divertia-se deste modo: enfiava os dois braços na gaveta semiaberta da escrivaninha à qual se sentava para o manter de pé e sem dormir durante mais aquele outro turno e, às escondidas, batia com um pau no tampo, pelo lado de dentro. As pancadas ecoavam-lhe, fortes, no cérebro esvaído e desfeito, mas ele, apesar de tudo, percebia a brincadeira: o esbirro queria enlouquecê-lo.

Todavia, neste momento, estando no emprego em segurança e não a resistir à negregada polícia política (que tempos!), ele conseguia entender menos do que quando esteve sob tortura, a delirar. Não percebia realmente de onde vinha aquela estranha comoção, sem dúvida perigosa, e muito menos o motivo por que ninguém, só ele, parecia notá-la. Ora o marulhar, antes zumbido, transformava-se em convulsão assustadora. Nas paredes da sala cresciam brechas medonhas, o tecto rodopiava com luzes estonteantes, o chão erguia-se em ondas, fazendo-lhe saltar os óculos da cara e os olhos das órbitas na cabeça congestionada, com o coração a estalar de dor no peito.

Sem um grito, o velho jornalista viu a tragédia final a consumir-se e ninguém, para além dele, a sentia: o Raul estava imóvel, de tesoura na mão erguida, o Zé lia um maço de faxes, o Armando continuava no centro da sala, atento, à escuta das conversas, como sempre, e até o relógio na parede se imobilizara depois de o ponteiro saltar tão-só dois ou três segundos.

A dor era demasiada. Como a expectativa. Como o sofrimento. Desabaram sobre o velho com um urro sibilante e o homem, no seu posto, caiu redondo no chão.

A ambulância demorou mais alguns minutos: o trânsito era infernal ao fim da tarde.

Num canto, o Tavares Real manifestava consternação e já ia pensando nos dizeres da notícia da morte do «nosso querido camarada de redacção, ontem à tarde fulminado no seu posto por doença súbita», pois, conhecendo-o há longos anos sem quaisquer dificuldades de relacionamento, a ele por certo competiria redigir o necrológio para lamentar «tão irremediável quão dolorosa perda». Não assinaria o texto, claro! Ele redigia habitualmente numa prosa clara e correcta que, por vezes, quando assinada, saía no jornal com erros, fenómeno estranhíssimo tanto mais que sorte inversa sorria a uns colegas calinos – os dislates das suas prosas limpava-os uma invisível mão de misericórdia...

Matilde acompanhava-o na comiserção: ver alguém morrer à nossa beira, para mais sendo um velho útil, pacífico e, enfim, pouco incomodativo, obrigava-nos a encarar de frente o estafermo da idade, da morte.

– E ele estava prestes a seguir prà reforma, não estava? Tavares Real, tenho que concordar, devíamos conseguir antecipar realmente a idade da nossa aposentação.

– Pois é, estes casos chocam...

– São já muitos os jornalistas que nem chegam a gozar da reforma ou, se gozam, é por poucos meses.

Tavares Real arrefeceu-lhe tanto ardor, sabendo-o de pouca dura:

– Não foi só a profissão que o matou, fomos nós todos! – disse, alto, encarando de olhos nos olhos quantos pudessem ouvi-lo. – O jornalismo, nesta casa pelo menos, nunca mais será o que já foi! – desabafou, percebendo que iria pagar pelo dito.

Do hospital confirmaram que o velho chegara morto e o Armando foi incumbido de redigir a notícia que enlutava a redacção.

Tavares Real riu-se. Abeirou-se da mesa do Alves com uma folha impressa na mão e propôs-lhe:

— Tenho aqui um texto que o nosso companheiro falecido escreveu e que nunca foi publicado. Prima pelo humor, vais ver. Quero ler-to em sua homenagem, já perceberás porquê.

JORNALISTAS CONSAGRAM REGRA DE OURO DA DEMOCRACIA

Os jornalistas que trabalham na redacção da sede deste jornal acabam de consagrar, da forma mais convincente possível, uma regra de ouro da democracia: o poder da vontade da maioria.

Foi esta a principal conclusão de um plenário dos jornalistas ontem realizado na sede do jornal, que, segundo uma recente sondagem de opinião, é considerado órgão da esquerda democrática e pluralista.

Ao plenário compareceram todos os jornalistas da redacção. Não faltaram os que estavam de folga, de serviço no exterior, doentes ou reclusos no bar e nas instalações sanitárias. Portanto, nada menos de 43 homens e mulheres da Informação.

O plenário destinava-se a decidir se sim ou não os jornalistas fumadores tinham o direito de impor aos jornalistas não fumadores a inalação do fumo exalado, ou se os jornalistas não fumadores tinham o direito de impor aos jornalistas fumadores a privação do secular e universal hábito de fumar.

Dado que todos os jornalistas, sem excepção, se afirmam, reafirmam e confirmam como indefectíveis democratas, ficou logo definido no início do plenário que a decisão seria tomada em obediência plena ao resultado obtido em votação livre e secreta.

Realizado o escrutínio, verificou-se que, do total dos 43 jornalistas, nada menos de 26, portanto a maioria, se pronunciou pelo direito dos não fumadores a imporem aos fumadores a privação dos malefícios do tabaco.

Foi com alguma solenidade que o presidente da mesa do plenário proclamou o resultado do escrutínio e a instauração da nova ordem da redacção, que entrou imediatamente em vigor.

Abordados, vários jornalistas fumadores consideraram que não sabiam como iriam manter o seu terrível hábito naquelas circunstâncias, mas, entretanto, não queriam incorrer em ofensas aos companheiros não fumadores e

à regra de ouro da democracia. Como haveriam depois os seus leitores de acreditar neles quando tornassem a publicar hinos à dita?

Ao que parece, este caso, inédito nos espessos ambientes do jornalismo português, vai ter condigna continuação e exemplo. Na verdade, consta que outros grupos de jornalistas estão já a pensar na realização de plenários nas suas redacções com idêntico fim.

Não deixa de ter interesse referir que esta acção dos nossos jornalistas vem depois do malogro das esperanças criadas na sequência da entrega, ao Conselho de Administração deste jornal centenário, de uma exigência de melhores condições de ambiente físico na redacção.

Tavares Real completou a leitura do texto com dificuldade. Sorria de gozo, mas a emoção quebrara-lhe a voz diversas vezes e tinha os olhos marejados. Mal reparou na Matilde e no Silva, que se aproximaram também, curiosos, pela ilharga. Gritou:

– Jornalismo? Nunca mais será o que foi!

E repetiu a frase, agora bem alto, para todos ouvirem.

bibRIA

bibRIA

"Shopping Center"

Dois conhecidos cruzam-se num corredor de centro comercial animadíssimo, sábado à tarde, e logo outros dois conhecidos de cada um deles se detêm ao lado. Após breves apresentações, cumprimentam-se os quatro e o grupo imobiliza-se a conversar no meio da multidão em movimento. Apenas se arruma um pouco.

- E por aqui tornamos a encontrar-nos!
- Gostamos de vir às compras, de espreitar as novidades, não é?
- É verdade. Aliás, moro aqui por cima, na torre.
- Engraçado, eu também moro numa torre que tem um grande centro comercial por baixo...
- Quer dizer, começámos por ter em casa o ambiente das lojas e, nas lojas, algum ambiente de casa, e por fim...
- Demos mais um passo e agora queremos morar em pleno "shopping center"!
- Não tarda, vamos todos querer morar dentro de um caleidoscópio de facetas espelhantes a girar por cima das nossas cabeças... Ah, ah!
- Sempre bem disposto...
- Claro. Bebi agora uma cerveja. Prefiro a cerveja Bloom. Tem mais personalidade. É loira e não é pesada, cai-me bem no estômago.
- Eu, ao beber, gosto de ver as bolhas treparem pelo copo. Lembram-me balõesinhos da banda desenhada sem ideias dentro.
- Sem ideias dentro?!
- Por mim, não bebo o copo até final, acho isso de muito mau gosto!
- Uma pelinrice!
- Há bocadinho, deixei ali quase metade.
- Estou-me a lembrar: o dono da cerveja Bloom é aquele...

– Sim, o tal da fortuna transnacional que não tem muitos concorrentes no Mundo. O tipo que encheu a piscina de cerveja quando a filha deu aquela festa fabulosa...

– E que aparece nas capas vestida pelos melhores estilistas.

– Eu acho que uma verdadeira mulher, a começar pelas nossas, deve vestir um pouco acima das suas reais possibilidades. Por uma questão de imagem...

– O que se gasta no cabeleireiro e na *boutique* não é despesa, é investimento. – Ri-se.

– Tem toda a razão.

– Uma pessoa que se preza deve vestir apenas roupas de marca. Eu não abduco disto! Valem bem o sacrifício.

– É uma questão de *status*. De princípio!

– Claro, claro! São as marcas que nos marcam.

– Tal como os automóveis. Minha mulher queria trocar o seu por um carrito pequeno e eu, não senhor. Prefiro tê-los de boa marca...

– Nem que tivessem de ser usados!

– ... em vez de novos, utilitários.

– Por uma questão de imagem, evidentemente!

– Sim, há comportamentos obrigatórios. Como os de frequentar espectáculos, locais *in*...

– Minha mulher quer que eu lhe compre todas as semanas um monte de revistas de actualidades sociais, decoração, TV, essas coisas.

– E tu? Vê-se que já fizeste compras...

– Sim, uma coisinha! – Muda o embrulho de uma mão para a outra.

– Passei, olhei, gostei, entrei e comprei.

– Eu, quando estou a fazer a barba, deixo a torneira da água a correr. Só a fecho quando termino...

– Por mim, quando sigo por auto-estrada, não largo a via da esquerda. Quem me quiser ultrapassar tem que... – Com a mão remeda os pisca-piscas, sinal de faróis.

– Ora! Eu é que não quero nada com a esquerda! – Risos francos acolhem o dito.

– A esquerda, *pf!*, sumiu-se!

– Ninguém quer nada com o que não está em moda. E contra o consumo, contra o mercado, como havia de manter-se?...

Um telemóvel chama na cintura de um dos interlocutores. O grupo cala-se enquanto três deles pegam no seu aparelho, supondo que a chamada lhes é destinada; dois verificam imediatamente o engano e deixam que o terceiro atenda.

– Estou. – É a minha mulher – anuncia. – Está bem, querida, espera por mim nessa loja. Onde fica?... Ainda não comprei os meus CD, depois vou para aí. – Volta-se para o grupo: – Minha mulher esqueceu-se dos seus cartões de crédito, tem de recorrer a mim para pagar... – Abre a carteira, exhibe uma fiada de cartões de plástico e, com alívio, exclama: – Mas cá estão os meus!

– Que género de música quer em CD?

– Vou procurar aquele grupo que passou na TV. Espectacular!...

– Sim, é dos melhores. Muito comercial!

– Eu preciso de encontrar o *Financial Times*.

– Também gosto de o ler. De andar um pouco com ele na mão. Habitua-me ao Inglês.

– É quase uma bíblia de gestores, empresários... Identifica-nos.

O grupo mantém-se coeso, no meio do trânsito apressado, com um esforço cada vez maior. O ambiente, pesado, enche-se de rumores incomodativos. Dois elementos do grupo despedem-se rapidamente. Os que ficam prolongam um pouco mais a conversa.

– Aquele do telemóvel mini é o dono da...

– Sim, da Teler. Conheço-o bem. Andou para aí a montar parabólicas mas vai falir, garantiu-me ele. Tem sete empregados e agora vai poder despedir mais quatro.

– Quer dizer, está ótimo!

– Pensa abrir uma nova empresa, retomando talvez alguns dos seus empregados antigos. Promete fornecer-nos, em quantidade, o dobro dos canais!

– Mas eu, até ver, vou continuar como estou... E pronto, meu caro, gostei de te ver, boa tarde!

– Sim, temos de ir. Até à vista!

bibRIA

O tesouro da arca

O negócio está a definhar. Esta manhã não houve telefonemas e apenas tivera uma visita. O empregado do hotel mal disfarçou a surpresa ao vê-lo receber um indivíduo tão sujo, pobre, miserável. Vestia como um marginal que dorme há anos na rua e cheirava à distância como quem se esquecia de tomar banho desde que nascera. Devia ter lido o seu anúncio num resto de jornal amarfanhado que lhe terá caído debaixo dos olhos por acaso – pensou.

Ele, porém, tinha o calo do negócio. A experiência ensinara-lhe que um negociante de antiguidades lida habitualmente com tipos sociais contrastantes – gente de unha fina e gente de unha grossa –, mas de facto a sorte nunca lhe trouxera um tão miserável visitante. Que poderia o infeliz informar ou vender?

Se o negócio estivesse a correr-lhe bem, tê-lo-ia escorregado sem hesitação. Talvez por isso mesmo, pela forçosa inactividade, a recepção do hotel, dando-lhe passagem, lho tivesse anunciado. Era um indivíduo com algum resto de juventude a desaparecer debaixo da camada de imundície, ou seja, com o aspecto que nenhum porteiro, esticando o braço, deixaria de varrer para longe. Sim, os empregados devem ter admitido que, à falta de melhor, um tal exemplo de miséria montada em porcaria poderia dar-lhe algum proveito. Arriscavam-se a uma censura, apostando numa gratificação. Iriam arrepender-se?

Dominando a custo a repugnância, convidou o indivíduo a sentar-se para o distanciar do nariz. Era na verdade repulsivo. Mas dispôs-se a ouvi-lo. E ele começou por se desculpar por não lhe dizer o seu nome. Descendia de uma linhagem ilustre, porém arruinada, que pretendia manter à margem. Quanto à sua própria pessoa, estava, evidentemente, em grandes dificuldades.

O antiquário já sorria no íntimo com tanta ingenuidade, mas deixou-o prosseguir. O desgraçado queria manter-se anónimo, admitindo todavia que

mais tarde poderia apresentar-se com nome. Tinha em casa uma arca onde guardava um tesouro, o da família com a qual se indispusera. Pretendia mostrar-lha em breve, sim, mediante certas condições e sigilos a combinar, podendo depois decidir o que fazer com todo o tesouro ou apenas com as peças que mais lhe interessassem. Para já, carecia de dinheiro – concluiu.

O sorriso que se abria no íntimo do antiquário veio-lhe francamente à face e ele não o conteve. Que audácia a do pobre diabo!

– Não posso adiantar-lhe nada enquanto não souber do que se trata – argumentou, pisando-o com um sorriso frio.

O infeliz debateu-se e contorceu-se, enredando em argumentos desajeitados a sua urgência de obter dinheiro. Não seria para drogas, concluíra o antiquário, seria antes para comida. Ou talvez não! Com certeza o rapaz descurava em demasia os alimentos, a sua própria pessoa. Por vezes parecia delirar. Ficava pairando, absorto, de olhos abertos para o vazio.

– Se não me der algum, nada lhe vou mostrar! – cortou ele por fim, com a determinação de quem domina as regras do jogo.

O interlocutor reprimiu a custo uma gargalhada. Na imaginação, via o pobre diabo a ler o pedaço de jornal, rasgado e amarrotado, num canto, entre o lixo da véspera. No jornal aparecia o anúncio, com a indicação do seu nome e do seu hotel, no qual pedia contactos pessoais para aquisição de antiguidades durante aqueles dias. O desgraçado, em vez de andar a pedir esmola, teria magicado no estratagema simplório para lhe arrancar algum dinheiro.

No fundo, porém, o antiquário vacilou. Tanta ingenuidade desarmava. Não era possível crer na veracidade mínima daquela história, mas também não era possível supor que um indivíduo tão indefeso, tão frágil e desgraçado, estivesse a tentar impingir aquele conto da carochinha a um forasteiro que fora chamar pelo nome ao hotel, sabendo-o evidentemente viajado, conhecedor dos mil enredos que se fazem e desfazem no comércio de antiguidades por vezes de muito alto valor.

Nesta confusão de ideias, insistiu friamente com o pobre diabo para que arranjasse maneira de lhe trazer alguma prova ou amostra da preciosa arca, prometendo para depois a entrega de algum dinheiro. Mas o infeliz, peganhento como o odor corporal que exalava, não desistia. Repetiu que a arca era o problema da sua vida, que era uma herança de família, única e de

altíssimo mérito, que ele nem sabia como poderia mostrar-lha, e que estava num momento de grande aflição, em desavença com os parentes, sozinho no mundo, desvalido.

O antiquário lembrou-se então, quase contrariado ou sem querer, de certos membros de famílias tradicionais arruinadas que preferiam sofrer misérias e vexames por falta de rendimentos, a despojarem-se de bens que a seus olhos simbolizavam uma grandeza extinta. Suportavam duras privações para manterem a posse de velhas relíquias. Nas suas andanças pelo mundo conhecera pessoas que, pela aparência, em nada se salientavam do nível social mais baixo, mas que lhe provaram, e o persuadiram, de que realmente pertenciam a linhagens de grande estirpe, detentoras de bens muito cobiçáveis. Pôde concluir excelentes negócios.

Acabou por lhe dar uma pequena nota, mais como esmola, para se livrar da presença desagradável, do que para abrir algum caminho futuro. Fez mesmo questão em o prevenir que não tornasse a procurá-lo se não trouxesse consigo um objecto interessante para avaliar. Porque, de facto, não poderia acreditar num valor atribuído por outrem.

O rapaz saiu sem agradecer, prometendo voltar. Apenas disse:

– O senhor vai ficar maravilhado quando vir o tesouro da arca, isso lhe garanto. Nunca mais a vai esquecer!

O que leva uma pessoa a sentir de uma determinada maneira o que alguém exprime? A mesma frase tem sentidos diversos, conforme as interpretações que cada um lhe dá. Porquê? Não percebemos apenas as palavras, também a gesticulação, a expressão corporal de quem nos fala. Percebemos até, para além do que o nosso interlocutor exprime, a palpitação da sua personalidade a irradiar-se através de uma linguagem inarticulada.

Em suma, contra toda a regra, em vez de desconfiança, o antiquário aventurou-se a admitir que o rapaz era sincero, loucamente sincero. O infeliz acreditava que tinha na sua arca, escondida algures da família e de todos, um verdadeiro tesouro que o deixaria maravilhado. E já se via que era ele próprio quem estava fascinado pelo seu tesouro até à mais completa cegueidão.

Enfim, em dúvida, teve que admitir a interrogação: mais do que fazer negócio, queria o infeliz convertê-lo à sua pessoal cegueira?

Afundava-se em conjecturas e crescia em curiosidade. A repulsa que a miséria sempre lhe causara misturava-se agora com um sentimento de lástima que o surpreendia e abalava. Não se supunha tão vulnerável.

O dia seguinte foi ainda mais calmo, sem negócio. O país parecia já sem reservas de antiguidades acessíveis e com interesse. Por ali até padres se presumiam de conhecedores! Acabava o maná, teria de ir explorar o Extremo Oriente...

O rapaz reapareceu à tarde. Irritou-se. Nada trazia para lhe mostrar e, além disso, tornou a pedir dinheiro. Confidenciou-lhe, porém, o seu nome próprio: chamava-se Teodoro.

Falava sempre em voz baixa, nervosa e quebradiça, enquanto olhava para os lados, a um tempo sereno e aflito, como quem receia ouvidos indiscretos, e logo o fitava como um náufrago em desespero. Vestia as mesmas roupas enxovalhadas e fedorentas que por certo nem via, pois até no lixo da rua encontraria facilmente melhor vestuário.

Preparou-se para o despedir sem pressa. Podia desperdiçar algum tempo, tanto mais que a sua curiosidade crescia perante um indivíduo tão singularmente andrajoso e desgraçado. Para dizer a verdade, atraía-o como um abismo hipnótico que, embora arriscando-se, ele poderia sondar. Repetiu-lhe, portanto, que não podia fiar-se apenas nas suas afirmações, precisava de observar o recheio da arca para depois se decidir. De outra maneira, nada feito.

Por seu turno, Teodoro repetiu as justificações. Não podia tirar nada, seria como praticar um sacrilégio, e nem valia a pena pensar num transporte da arca até ao hotel.

Como fazer, então? – desafiou, para saborear a cena: o infeliz a sofrer, debatendo-se como uma simples mosca apanhada em teia de aranha e prestes a sucumbir. Mas o desgraçado resistiu. Pediu-lhe tempo para pensar e apertou-lhe a mão (deixando-o na necessidade urgente de a lavar). O antiquário encostou-o então definitivamente à parede: saía do hotel e partia no dia seguinte de manhã para ir atender longe outros compromissos, pelo que, com verdadeiro sacrifício, anuí a aos seus desejos na condição de combinarem já ali a hora e o lugar onde ele, naquela mesma noite, sem falta, lhe mostraria a fabulosa arca fosse onde fosse.

Perante esta exigência, Teodoro vacilou e, martirizado, concordou, mas não revelou ao antiquário onde morava. Ficou de se encontrar com ele perto do hotel, depois do seu jantar, para o conduzir.

Quanto secretismo! Dava-lhe vontade de rir e, ao mesmo tempo, impressionava-o. Segredos de polichinelo? Que solenidade!

A hora combinada passou e, do pobre diabo, nem réstia. Ter-se-ia arrependido? Ou ter-se-ia desmascarado? Por fim, Teodoro apareceu ao seu lado como que nascido do próprio chão.

Evitando caminhar de noite pelas ruas ao lado de um tal indivíduo, que daria aos outros a impressão de que o iria assaltar a cada momento, resolveu meter-se num táxi na sua companhia (que o desgraçado encheria com o seu odor corporal e que ele pagaria), tanto mais que Teodoro prevenia que a sua casa distava um pouco.

O taxista tardou a perceber onde deveria conduzi-los. Pediu sucessivos esclarecimentos ao rapaz enquanto o observava de soslaio, com estranheza, e, por fim, sem atinar, pediu que o orientasse à medida que fosse avançando. Sob orientação de Teodoro, o carro saiu das ruas bem iluminadas, saltou em vielas estreitas da periferia e deteve-se num pequeno largo semialdeão no momento em que começava a chover. O antiquário pediu ao taxista que o aguardasse, por favor, e correu para a entrada de um casarão sólido mas em ruínas, atrás do pobre diabo que se dizia seu dono, embora, com muito mais verosimilhança, pudesse ser ali um mero albergado adventício, carecido de outro alojamento.

Os aposentos do interior não tinham quase nenhuns móveis, só se viam entulhos e velharias. Tudo parecia desabitado, sombrio, húmido, frio. A luz eléctrica não funcionava. Teodoro alegou uma avaria e acendeu uma vela para o conduzir pelos corredores desertos. Era o ambiente próprio para um roubo com homicídio premeditado, pensou o visitante, confortando-se porém com a vizinhança do taxista no exterior. Mas, nesta altura, o antiquário já confiava no rapaz ao ponto de não lhe recear um gesto de violência. Receava mais, talvez, a sua loucura. Nem admitia que desejasse arrebatar-lhe a carteira, embora o soubesse carecido de dinheiro.

Ao abrir uma pesada porta fechada à chave, uma corrente de ar apagou a vela. No tecto e no telhado via-se um grande buraco. Entrou devagar, às

apalpadelas, guiado por Teodoro, que o tranquilizava, mas receando chocar com obstáculos. Então uma pálida claridade do luar alastrou a pouco e pouco pelo aposento e ele viu-o ajoelhado diante de uma arca absolutamente invulgar, riquíssima, cuja tampa estava aberta. E o rapaz olhava para dentro. Em adoração?

Aproximou-se vagarosamente. O recheio da arca brilhava na penumbra da sala, sob o ténue resplendor da Lua a descer de um céu lavado pela última chuva. Quando estendeu um braço para pegar num objecto que via a coruscar como um régio diadema de pedrarias sobre veludo escuro, o rapaz acordou do seu enlevo e, rápido, cortou-lhe o gesto como quem evita uma terrível profanação.

— Oh! — exclamou ele com horror, em voz velada. Devia considerar o local sagrado, mas ainda mais o empolgaria a sensação de ter evitado uma mortal heresia.

O antiquário recuou um passo e falou-lhe também em voz baixa:

— Se não posso pegar em nada, que vim eu fazer aqui? Como vou avaliar o que aí tem?

— Não sei! — respondeu-lhe, aturdido.

— Mas quer ou não quer vender alguma coisa?

— Eu preciso... Mas não posso... Ou poderei? Diga-me você: poderei?

Teodoro, sofrendo indubitavelmente, suplicava uma resposta e ele, calejado negociante, ficou mudo, incapaz de indiferença perante um drama mal avaliado, sim, mas visivelmente sentido e pungente.

Não insistiu nem resistiu. Pegou na carteira, tirou uma nota à sorte e fechou-a na mão do rapaz; afastou-se da arca, saiu da sala alumiado pelo luar que vinha do tecto e deambulou às escuras pelos longos e tão sombrios corredores em direcção à porta, tacteando e ferindo os dedos nas paredes irregulares.

Entrou no táxi sabendo que o desgraçado continuava de joelhos diante da arca e que ali iria passar a noite. Sentia cada vez mais pena, uma sincera pena, daquele pobre diabo agonizando ao peso de um fadário que ninguém por certo compreenderia.

No dia seguinte, realmente, adiou a partida. Seria fugir, fugir de novo. E ele tinha o maior interesse em desvendar aquele mistério, custasse o que custasse, para calar a voz que do fundo dele mesmo se erguia.

Apesar da impaciência, entreteve-se com coisas miúdas. Sobre tudo, reflectiu, de olhos demorando-se no espelho em que se via a uma luz crua. As circunstâncias compeliavam-no. Não podia adiar-se mais, continuar em fuga. Por muito que lhe doesse, tinha que reconhecer no íntimo a chaga de um remorso velho, nunca delido, gangrenado, latente.

À noite, depois de jantar, arranhou uma lanterna eléctrica e voltou de táxi ao casarão de Teodoro. Se lá o encontrasse, tanto melhor: precisava de falar com ele; se o rapaz estivesse ausente, melhor ainda: agiria completamente à vontade. Poderia enfim tomar decisões sobre o caso – sobre si mesmo. Estava no limite!

Não encontrou a porta da casa fechada à chave, entrou portanto como se Teodoro o esperasse. Mas ele era ausente. No silêncio da noite, os ratos chiavam, espalhando pelos corredores fosforescências de olhinhos em fuga. Sob a luz crua da lanterna eléctrica, o abandono, o desconforto, a tristeza de um destino injusto ali concentrados penetravam-lhe na epiderme até nele se interiorizarem como virose de uma doença devastadora. Lembrou-se: no Mundo, a pobreza é regra, a riqueza excepção.

Avançou para a porta da sala onde estava a arca e, com espanto, também não a encontrou fechada à chave. Teodoro sabia, sem dúvida, que ele iria chegar. Já o feixe da luz eléctrica envolvia a arca, ocorreu-lhe a frase que lhe ouvira: quando a visse e ao seu tesouro, ele ficaria maravilhado e preso para sempre. Dissera-a no primeiro contacto (recente e, todavia, já remoto) e a frase parecera-lhe tão infantilmente ameaçadora que o fizera sorrir em troça. Mas agora abalava-o um calafrio.

Reagiu. Observou a arca, percorrendo-a com o foco luminoso, e pasmou. Não apresentava o aspecto faustoso da noite anterior, era antes uma grande caixa de madeira polida, de tamanho e formato idênticos, vulgaríssima. Intrigado, aproximou-se. Abriu a tampa e observou-lhe o conteúdo. Incrédulo, pegou no objecto que identificara na véspera, sem lhe tocar, como um diadema de coruscantes pedrarias: era uma simples bijutaria! Vasculhou em fúria todo o recheio: só bugigangas, trapos, vidrilhos, bocados de folha de estanho, inutilidades.

Estremeceu.

À primeira ideia, imaginou que Teodoro pusera em bom recato os valores, duvidando certamente da honestidade das suas intenções. Via-o ali como

um ladrão, quando ele, na verdade... Mas... o que era ele?! Só podia sorrir tristemente, a sós consigo, sem ponta de orgulho.

Afastou-se da arca, deixando a tampa aberta, e apagou a lanterna. A cabeça rodopiava-lhe numa vertigem e o antiquário queria sentar-se para meditar um pouco com um mínimo de sossego. As trevas ajudavam à reflexão – reflexão de olhos fechados, pois não conseguia mantê-los abertos no escuro.

O desaparecimento do recheio da arca aturdiu-o. O que poderia pensar? Teodoro confiava bastante nele, sentia-o. O que teria acontecido, então? Que mistérios se enredavam ali?

Reabriu lentamente os olhos. Um luar suavíssimo, derramando-se do tecto, alumia o meio da sala e a tampa aberta. Esfregou as pálpebras, não era ilusão: a arca, novamente com o seu aspecto faustoso, guardava um conteúdo que a envolvia numa aura mais brilhante que o luar. Deu uns passos para pegar no objecto que antes reconhecera como mera bijutaria em vez de magnífico diadema – e de novo viu a cintilar belas pedrarias!

Mergulhou numa confusão imensa. Não vive toda a gente de aparências? Onde cessa precisamente a realidade e começa a ilusão?, perguntava-se. E descobria-se outro, um estranho de olhos erguidos para o tecto pelo qual se entornava a luz transfiguradora. Essa luz enchia a arca de opulências e punha toda a sala a crepitar de beleza. O lixo transformava-se em luxo e, logo, não era um nem o outro, antes qualquer coisa vagamente intermédia.

De repente, o antiquário assustou-se como se estivesse exposto ao maior perigo.

Compreendeu as dificuldades em que se debatia o desgraçado Teodoro, agora que dele se aproximava ao ponto de o acompanhar no seu caso, e percebia por fim que o *patético* tem por força que surgir na linha de algo *pateta*. Mas como sair dali, escapar ao embruxamento?

Vejamos. O pobre rapaz saía de casa, é certo, mas o que dela conseguia fazer passar pela porta não era mais do que uma sombra. O sofrimento impedia-o de distinguir o ouro do cascalho, os vidrilhos das pedras preciosas. E ele próprio, antiquário calejado, capaz de avaliar sem erro o valor dos objectos, sentia o absurdo das cotações, a arbitrariedade dos preços, a imposição dos valores nos mercados e, secretamente, proclamava a abolição do luxo que alimenta o lixo a favor de uma opção nova, tão controversa que nem se atrevia a nomeá-la.

O drama do desgraçado era do tamanho do país, via-o agora. E o infeliz, permanecendo sozinho no drama, apelava para a solidariedade do antiquário. Poderia recusar-lha? Como?! Teria que largar tudo imediatamente, de trocar os cansados brilhos mundanos por outros brilhos não menos enganosos, por certo, mas também menos maléficos e talvez mais benignos.

Chegava o momento de se ver a si mesmo tal como era, na abjeção da crua e total nudez. Estava velho, esfacelado, sem raízes. Ainda novo, vendera pinturas contemporâneas sem acreditar no que vendia até que a repulsa o venceu, depois derivou para o comércio de antiguidades, onde é rei quem tem olho de águia e arjos de predador. Pagara os hotéis das últimas cidades com cartão de crédito e tornaria a usá-lo embora já devesse bastante ao banco e não visse como arranjar o dinheiro. Perdia a conta dos meses que devia do aluguer do seu depósito, já nem se atrevia a ir experimentar a chave na porta de sua casa. As últimas notas estavam a acabar-se-lhe na carteira.

Eis o motivo real por que decidia ficar ali.

O taxista que se fosse embora quando entendesse. Quem poderia levar de regresso à figura do que o antiquário foi é agora um desconhecido até para ele próprio.

biblioteca

bibRIA

O incêndio

O chefe mandou um contínuo chamar o jornalista à sua secretária e, mal o viu, disparou:

– Falhámos, na edição de hoje, aquele incêndio que matou ontem à noite, algures nos arrabaldes, duas crianças fechadas em casa pelos pais para irem ao cinema. Vá lá com um repórter fotográfico, veja os restos da moradia e escreva uma coisa legível para sair amanhã. Não menos de três páginas.

– Três páginas, hoje, sobre um incêndio de ontem? – estranha o jornalista.

– Ouviu bem, é isso – responde o chefe com um telefone suspenso na mão, à espera, e a despachar papéis para as secções redactoriais.

Novo na profissão, o jornalista levou um segundo a perceber: vira nos jornais concorrentes daquela manhã manchetes na primeira página sobre um «lar atingido pela desgraça: duas crianças mortas» e, no seu, nem uma linha. Competia-lhe remediar a falha com o máximo brilho, garantir o prestígio do jornal com uma saída airoso, posto que tardia.

Perceber a circunstância não garante, porém, que se esteja em boas condições para a enfrentar vitoriosamente. Que poderia ele dizer sobre uma desgraça já arrefecida como as paredes enegrecidas pelas labaredas da casa arruinada?

Aguardou, perfilado. E, logo que pôde, submeteu-se ao duche frio do olhar do chefe, para lhe dizer:

– Repare, que poderei escrever sobre um acontecimento requeentado que nem presenciei? Só banalidades, parece-me, porque o tema, hoje, já não presta para mais.

O chefe remexeu a barriga em cima das pernas para se mostrar visivelmente aborrecido:

– Não há temas fracos. Há, sim, fracos redactores. Quero o melhor! Vá lá e depois conte-me – despachou, já a descer o nariz sobre um monte de originais a encaminhar para a composição.

O jornalista partiu com o colega foto-repórter e, sem saber como nem porquê, sentia-se alvo de uma partida de mau gosto destinada a pô-lo à prova. Até duvidava de que fosse publicável o que viesse a escrever.

Dentro do automóvel, apertado pelo trânsito do fim da hora do almoço, deixava girar as suas perplexidades em torno do eixo único: o que poderia escrever sobre um caso daqueles? O que poderia interessar os leitores, como informação, no dia seguinte?

Não vislumbrava uma resposta. Sentia-se completamente às escuras e não podia alhear este embaraço da sua mísera condição de jornalista estagiário.

Demorou-se, na estradinha suburbana deserta, a olhar para o antigo lar de uma família desfeita. Não se via ninguém por perto.

Ouvira dizer que um dos filhos, o mais idoso, se salvara porque dormia no rés-do-chão, num quarto improvisado junto à cozinha. Estava fria a noite e ele pretendia ligar o aquecedor. Dera o alarme, já engasgado com o fumo e meio tonto, mas nada fora possível fazer: duas meninas morreriam esturricadas no braseiro, num quarto do primeiro andar, contíguo ao quarto dos pais, que regressaram do cinema deixando festejado o décimo aniversário do casamento. Apenas puderam engrossar a fila das pessoas que, impotentes, viram consumir-se o trabalho das chamas, decerto com os pés colados no mesmíssimo lugar onde ele colocava agora os seus. Ali foram os bombeiros encontrá-los, siderados.

O motivo estava à vista. Portas e janelas desfaziam-se em restos mal consumidos. Cinzas e lamas enrugavam-se na proximidade das paredes esburacadas pela explosão da garrafa de gás e nem uma telha aparecia lá em cima a tapar o céu claro.

O jornalista entrou no quadrado das ruínas. Móveis e roupas residuais, entulhos indescritíveis: um pequeno espaço antes habitado, portanto vivo, agora em desordem pungente.

Não podia trepar ao primeiro andar, ao que dele restava. A escada, de madeira, ruína.

Na cozinha, a torneira da banca pingava. O som das gotas, pendular, a cair na chapa inoxidável, cresceu no silêncio para o jornalista como a memória de quatro pulsos débeis que já não podiam latejar.



Avelino Rocha
95



bibRIA

Emocionado, saiu para o pequeno logradouro nas traseiras. Escancarada, a porta de uma garagem vazia e, ao lado, um galinheiro com aves tristonhas, de olhos demasiado neutros para serem verdadeiros, interrogativos.

O jornalista reentrou na casa procurando não sabia o quê, talvez uma atmosfera. Lamentou não subir ao aposento das meninas ao menos para imaginar os seus corpos carbonizados, espreitou para dentro do quartinho do irmão com a única janela intacta que restava da casa e, enquanto caminhava, baixou-se para dois rostos infantis que, no chão, lhe sorriam através de uma nesga do entulho.

Pegou na fotografia, libertou-a com cuidado da moldura desfeita e dos fragmentos de vidro, limpou de imundícies, com mão lenta, a superfície da parte central não queimada e contemplou as duas caritas, os seus olhos puros, os inocentes cabelos louros. Meteu a fotografia na algibeira como se fosse um pedaço de carne a sangrar, carne que era alheia e sua também, enquanto um sentimento de perda irremediável nele se ia transformando em sensação de encontro pleno, renovador.

Na redacção, diante do teclado, depois de alguns telefonemas imprescindíveis, deixou que os seus dedos pusessem em fuga, diante de si mesmo, à frente de labaredas devoradoras, a emoção que salvara de outros incêndios pessoais ao preço terrível de algumas mortes não menos cruéis.

As palavras fluíram, encheram três páginas de frémito e dor, eloquentes porque o jornalista sentia que era ele, naquele momento, quem fugia espavorido à dor e ao remorso pelo sacrifício de uma criança, duas crianças, duplamente ele próprio, abandonadas e aflitas em casa, para que ele, como pai, pudesse ir, já adulto, ao cinema.

Não se referia a duas tenras vidas devoradas pelas chamas nem mais nem menos do que às vidas da sua própria vida tristemente sufocadas quando ainda mal as conhecia.

Tinha a certeza, os leitores chamuscados também iriam sentir aquele drama em palavras, no dia seguinte, quando o jornal estivesse na rua. Também eles iriam querer salvar-se das labaredas dos seus reais incêndios, lendo acerca de outros incêndios alheios, imaginados.

O jornalista agrupou as folhas, deu-lhes o título e, por fim, juntou-lhe a fotografia feita pelo colega à frontaria da casa e também aquele retrato patético, em parte queimado. Por fim, redigiu as respectivas legendas.

Enviou ao chefe o trabalho pela mão do contínuo e saiu. Precisava, já, de um café.

No dia seguinte, quando o jornalista lhe passou ao alcance, o chefe estava glorioso:

– O trabalho do incêndio estava bom. Não lhe dizia eu que o tema prestava?

O jovem entupiu. A vitória era toda do chefe? Apeteceu-lhe dizer, de má catadura, que, se estava bom, a ele se devia e a mais ninguém. Concluiu, no entanto, com o aforismo: os chefes têm sempre razão até quando a não têm. Além disso, incêndios daqueles, um na vida já era de mais. Queimara-se nele. Podia mesmo mostrar na pele a cicatriz.

bibRIA

A fórmula

O homem caminha apressado pela rua. Entra numa tabacaria e loja de jornais.

– Bom dia, senhor doutor Guedes – cumprimenta o lojista ao vê-lo entrar.
– É o tabaco? – E, sem esperar resposta, coloca um maço de cigarros no balcão coberto de imprensa do dia, em cima de uma manchete destacada. O cliente remexe nos bolsos e poisa uma nota em cima da manchete. Lê-se: «Gasolina / Outra Vez / Mais Cara». Recebe o troco e, despedindo-se, sai apressadamente.

No passeio quase esbarra num outro caminhante envolto em gabardina que segue na mesma direcção, atento ao trânsito dos autocarros que se detêm adiante, numa paragem.

– Desculpe! – diz Guedes; mas repara e saúda cordialmente: – Olha quem ele é! Como vais, Julião?

Julião, sorridente, obriga-o a parar um pouco para se abraçarem:

– Oh, Guedes, bons dias! Estamos a morar para estes lados há tempos, quase se pode dizer que somos vizinhos nas residências e nos empregos, e só nos encontramos uma ou outra vez por acaso...

– E sempre à pressa, não é? – conclui Guedes. Depois de uma breve pausa: – Hoje vais em colectivos?

– É verdade. Tenho o carro na oficina até logo à tarde.

– E acreditas que vai chover, Julião? – observa Guedes, apreensivo, notando-lhe a gabardina.

– Espero que não chova no autocarro! – graceja Julião, vendo que o outro nem com um guarda-chuva se previne.

– Oh, não! – exclama Guedes. – Arranjo-te coisa melhor: um amigo meu, o Anselmo, passa por aqui. Ficou de me recolher ali na paragem e tu podes vir connosco.

– O Anselmo? – ecoa Julião, pensativo. – Obrigado, aceito.

– Sim, Anselmo Mayer. Meu pai e ele foram muito amigos e eu, de certa maneira, herdei-lhes a amizade. Deve estar aí a aparecer. Julgo que chegaste a conhecê-lo nos nossos velhos tempos.

– Estou a lembrar-me. Era um tipo digamos esquisito...

Guedes ri-se:

– Esquisito? Obsessivo, com a mania das perseguições...

– Ah, sim! Alto e magro, loiro, já velhote.

– E agora na idade da reforma – indica Guedes.

– Já? – estranha Julião.

– Anselmo também acha que é cedo. Falam-lhe de aposentação e ele sente no ar uma conspiração de poderosos inimigos – diz Guedes a rir.

– Então o Anselmo Mayer, já com idade para acalmar a cabeça, ainda se julga inventor perseguido por *trusts* mundiais?

– E cada vez mais desconfiado. Vê fantasmas de espões na sua própria sombra. Parece que só confia em mim. Sabes, Julião, o Anselmo dá pena. Vive sozinho numa casa que defende dos intrusos a tiro se preciso for. Há anos que ninguém lá entra, excepto ele.

– Pois, o Mayer! – murmura Julião como quem encontra por fim o retrato em corpo inteiro de uma pessoa esquecida. – Anselmo Mayer!

– Ele dá-nos boleia, mas, Julião, por favor, toma cuidado nas expressões que possam inquietá-lo ou ofendê-lo. Mantém-te sóbrio e neutro, peço-te, é o melhor. Já sabes, ele tem manias.

– Sim, eu sei. Lembro-me daquela história do ovni...

– Há tantos anos! – confirma Guedes. Evoca: – Foi quando o Anselmo avistou da janela do emprego um grande pedaço de chaminé de um edifício a flutuar, deitado, como se fosse mais leve que um floco de algodão em rama. Também me lembro! Ele, que até dizia não acreditar em ovnis, telefonou, aflito, para todos os lados a prevenir que a chaminé caía devagarinho e que ia tapar o trânsito no cruzamento. Correram bombeiros, correu a polícia, e nada viram. Os observatórios também nada registaram e ele, teimoso, que o pedaço da chaminé teria sido empurrado pelo vento para outro sítio...

Ambos riem com gosto.

– Essa história deixou-o bastante desacreditado – comenta Julião.
– Tornou-o num motivo de troça. No emprego, foi posto na prateleira. Passou a trabalhar no departamento da cave e a exercer funções burocráticas – lamenta Guedes. – Mas nessa altura ele andava perturbado, a tratar-se nos médicos. Tinha perdido mulher e filhos, via-se sozinho...

– E o velho Mayer, posto na prateleira, ficou logo mais solto para prosseguir com as suas pesquisas...

– Sim, diz que tem em segredo algumas fórmulas capazes de virar o mundo do avesso. Mas, atenção, aí vem ele.

Um carro velho e desmazelado afrouxa na paragem, junto de Guedes. Vendo-o acompanhado e em conversa, o condutor hesita, mas acaba por se deter e, contrariado, franqueia a porta.

– Bom dia, Anselmo. Dá boleia a este amigo? Tem o carro na oficina e também vai para os nossos lados.

Julião senta-se atrás e Guedes fica ao lado do condutor. Apresenta-os um ao outro com um gesto:

– O engenheiro Anselmo Mayer, o doutor Julião Boaventura.

– Muito prazer e, desde já, agradecimentos pela boleia. O autocarro não vem e a pressa...

– Hum! Estamos um pouco atrasados hoje – nota Anselmo – e ainda preciso de meter gasolina.

– De qualquer maneira, o autocarro seria mais demorado para mim – comenta Julião para o condutor.

Anselmo usa óculos de lentes grossas, que dão à sua fisionomia um ar vago de lunático. É indivíduo nervoso, quase febril. Usa cabelo comprido, despenteado, e veste descuidadamente. Nota-se-lhe agitação.

– Hum! – torna Anselmo a fungar, vendo assomar no retrovisor a cara estranha de Julião.

Um pouco adiante, o condutor detém-se numas bombas de gasolina. Abastece o depósito e arranca.

Guedes lembra:

– Então amanhã vamos ficar outra vez com a gasolina mais cara!

– É o segundo aumento este ano e o quinto em três anos, ouvi a rádio dizer

– intervém Julião; faz um riso amarelo: – Mas não é por isso que ando à boleia...

Anselmo ignora o gracejo. Agita-se no assento como se estivessem a picá-lo por algum lado. Por fim, num murmúrio, desabafa:

– Isso é tudo uma grandessíssima tramóia!

– O quê? – interrogam os dois passageiros em coro.

– Nada, nada!

– Tramóia, como? – pergunta Julião.

– A gasolina, uma tramóia? – estranha Guedes, mas, com um breve olhar, lança para trás um sinal de advertência.

– Ora! – barafusta Anselmo com ar de reprovação. – Toda a gente se deixa adormecer, não há dúvida! Digam-me só, por exemplo: há quanto tempo não sentem vocês o cheiro dela? Até já o esqueceram, não?!

Os dois passageiros entreolham-se, perplexos, e tornam a fixar a atenção no condutor.

– Eu meto gasolina todas as semanas – diz Julião.

– Mas há quanto tempo não lhe vêm a cor, não lhe tocam? – insiste Anselmo; conduz bastante à toa, mas sem colisões.

Guedes olha fixamente para Anselmo. Depois, com espanto, confessa:

– Pensando bem, não me lembro já da última vez que...

– Lembro-me é de a pagar – ironiza Julião.

– É isso! – concorda Anselmo. – A gasolina desapareceu da vossa vista e dos vossos narizes, e não dão por nada! Quem conhece hoje o que sai das bombas para os depósitos dos nossos carros e que nos custa cada vez mais dinheiro?

– Não é gasolina, acha você?! – arrisca Guedes.

– Não é gasolina?! – gagueja Julião.

– Tem esse nome, está bem, isso é tão certo como as reservas de petróleo um dia terem de acabar – protesta o condutor, impaciente.

– Os carros e os aviões continuam a funcionar... – contrapõe Guedes.

– Então o que nos vendem as bombas e faz andar os automóveis? O que lhe terão metido no depósito ali atrás, quando parou na bomba? O que faz andar este motor? – Julião parece afundar-se em perplexidade.

Em Anselmo, os olhos arregalados por detrás das grossas lentes parecem querer saltar-lhe das órbitas. Fala como quem se arrepende do que vai dizer e, no entanto, não pode permanecer mudo. A luz vermelha de uns semáforos permite-lhe virar-se para os passageiros e gesticular à vontade:

– A questão não é bem essa, entendem? Mas, já agora... Sabemos que o combustível tem nome e que faz andar os motores, mais nada. Mas quem o analisa? A água, o vinho, o próprio ar que respiramos têm mais sorte, fazem-lhes inspecções periódicas.

– Quer você dizer que nós, todos os consumidores de gasolina neste país e decerto em todo o Mundo, andamos a ser enganados? – intervém Guedes em tom sereno, mas firme e céptico. O velho estava novamente a exceder-se em alucinações. Ou não?...

– Pode ser mais fácil enganar muita gente do que só alguma – responde Anselmo. – Mas a mim não me enganam... *e/les!*

– De facto, o odor forte da gasolina como que já não chega ao nosso nariz. Realmente, deixou de cheirar nos nossos carros. Será porque é «verde», das tais sem chumbo? É curioso! Por mim, nunca chegaria a perceber nada – concede Julião; apreciativo, fita o condutor.

– É verdade, toda a gente tem a ideia de comprar gasolina, mas há quantos anos não se analisa o que compramos como tal? Ninguém pensa no que faz andar os nossos motores – admite Guedes.

Anselmo Mayer sente-se apolado:

– Vejam, eu só quis demonstrar uma geral distração. Escolhi um exemplo académico, mas o ponto que interessa é este: terão os nossos motores necessidade de consumir a quantidade e a qualidade da gasolina que consomem?

– Quer dizer, gastam mais do que poderiam gastar? – Julião interroga num tom que exige resposta.

– Admitam isto, vocês: gastam e até poluem de mais! Ou julgam que as companhias do petróleo iam perder um negócio tão fabuloso sem fazer nada?

– Há companhias e companhias – insinua Julião timidamente. – Até se guerreiam.

– Ora, são todas iguais! – discorda Guedes. – As guerras que fazem são contra os outros, contra gente que elas pretendem que nada tem a ver com o petróleo!

– E, já agora, que alternativas poderão existir? Outra tecnologia? – duvida Julião em desafio.

– Vocês andam todos distraídos, não há dúvida. Vou dar-vos outro exemplo: a sério, a sério, acham que os motores dos carros novos gastam cada vez menos gasolina... porquê?

– Graças à evolução tecnológica!

– Não é?!

Anselmo agita-se num riso nervoso e, de repente, fecha-se como um caracol na sua concha. Sombriamente, apenas diz:

– Há segredos tremendos. Eu sei de alguns. Valem uma e muitas vidas. Não podem ser divulgados.

– Refere-se às suas experiências? – pergunta Julião.

– Refiro-me a...

– Tem trabalhado no projecto de que me falou ultimamente? – reforça Guedes.

Anselmo, em silêncio reflexivo, acaba por dizer:

– Ora, está descoberto tudo o que importa, só falta é praticar o que se descobriu consoante os interesses em vista!

Guedes volta-se mais para o condutor como que para o sintonizar melhor. Com evidente curiosidade, avança:

– Pelos vistos, as suas experiências... resultaram!

Anselmo Mayer olha de soslaio para trás, em direcção a Julião. A desconfiança mistura-se nele com um alvoroço infantil. Por fim, não se contém e diz para Guedes:

– Há microfones por todos os lados, até na minha casa, mas gostaria de te falar de uma fórmula espantosa. Ainda não a testei por completo e já admito que fornece energia barata e não poluente graças a um motor muito leve que estou a aperfeiçoar. Talvez eu...

– Dispensará completamente a gasolina? – insinua Julião.

– Outro segredo para guardar? – comenta Guedes com ar de censura. Pensa: «Como conhecer as fórmulas que este doido guarda ciosamente em local ultra-secreto, como chegar a saber se têm aplicação prática ou se são delírios fantásticos?».

Adiante, Julião pede ao condutor que pare:

– Por favor, fico por aqui. Muito obrigado pelo transporte e até outro dia, engenheiro Anselmo Mayer.

Depois de se despedir, já no passeio, diz:

– Tive muito gosto em te ver, Guedes. Logo telefono-te para combinarmos um encontro, está bem?

Anselmo põe o carro em andamento e, a sós com o amigo, enche-se de coragem para dominar os nervos e, atropelando as sílabas, dizer-lhe:

– Quem é esse fulano?

– Um velho amigo. E você a desconfiar, não é?

– Deixa. Queria pedir-te para ires comigo hoje, ao fim da tarde, a minha casa, ao laboratório. Está tudo a precipitar-se e eu quero mostrar-te umas coisas. Gostava que assistisses a uma experiência com a nova fórmula.

– Está bem, juntamo-nos logo à saída.

– E queria que me guardasses uns papéis e um protótipo. Já não confio em mais ninguém! – desabafa Anselmo. Aperta a mão ao amigo com febril desespero: – Até logo!

Guedes responde ao telefonema de Julião:

– Também gostei de te encontrar, Julião! Há quanto tempo não nos víamos! Onde trabalhas agora?

– ...

– Sim, o Anselmo estava falador, mas anda bastante alterado. Que dizes àquela sua observação sobre a gasolina?

– ...

– Pois também eu nunca tinha pensado naquilo. Deixou-nos a ambos completamente atordoados, não foi?

– ...

– Sim, pode parecer louco, mas não será também um pouco genial? O seu economizador de gasolina, há anos, acabou por abrir caminho a outros catalisadores. E ele queixa-se de que lhe têm roubado patentes antes de as poder registar, pois isso custa imenso dinheiro.

– ...

– Não sei, francamente. Não sou entendido na matéria, como sabes. Talvez logo, depois de sairmos, eu venha a ficar com uma ideia mais clara. Anselmo surpreendeu-me com um convite para ir hoje com ele a sua casa!

À tarde, já com iluminação eléctrica na rua, Guedes sai do prédio com Anselmo, no carro.

Vão calados. Quaisquer palavras lhes parecem embaraçosas, comprometedoras, ou inúteis.

Quando já saem da cidade e é menor a intensidade do trânsito, Anselmo olha atentamente para o retrovisor e alarma-se:

– Disseste a alguém que vinhas comigo?

– Não, porquê?!

– *Eles* vêm a seguir-nos!

Guedes roda a cabeça e exclama:

– Não posso crer!

A resposta sai-lhe e ele, arrependido, com pena, fica a olhar para Anselmo na sombra intermitente do interior do carro, sem saber o que lhe dizer. O condutor fica mudo outra vez. Na primeira ocasião, acelera numa fuga vertiginosa.

Já nos arrabaldes, o carro abandona a estrada e sobe um monte arborizado. A noite está escura. Chove. No fim de um caminho estreito, em mau estado e cheio de curvas, o carro detém-se junto de uma casa.

Anselmo corre a abrir a porta da entrada e Guedes junta-se-lhe para entrar com ele.

Um relâmpago ilumina a janela e a sala nesse momento, mas não se ouve o som do trovão. Anselmo, atento, fica ainda mais agitado. Observa:

– Eu não dizia? *Eles* seguiram-nos!

– Ora! – tranquiliza-o Guedes. – Foi um relâmpago.

– E ouviu-se algum trovão? Não, Guedes, foram os faróis do carro deles a subir o caminho. Vêm para aqui! Querem roubar-me o trabalho maior da minha vida!

O interpelado não sabe o que dizer. Com uma mão aperta o braço do velho amigo, sentindo-o em pânico.

Outro relâmpago explode nas vidraças, logo seguido pelo ribombar forte, iniludível, de um trovão que, todavia, Anselmo nem escuta.

– Temos que nos apressar! – exclama. – Vamos já para o laboratório! Vou-te mostrar o catalisador no motor mais perfeito que alguém já inventou!

– É a gasolina?

– Isso é outra história! Das grandes...

Descem, correndo, debaixo de chuva, o dorso do monte por uns degraus toscos, perigosos.

A casa fica no cimo de um monte parcialmente esventrado. Uma vertente desaparecera completamente, comida pela exploração de uma pedreira que deixara cascalhos e pedras em montes. Ao nível do acesso da pedreira, Anselmo encontra na vertente uma estreita abertura tapada por grandes pedras, abre com chave uma porta férrea e penetra no interior do monte, arrastando Guedes consigo. Num aposento que mais parece uma oficina ou um depósito de ferro-velho que um laboratório, descobre uma pequena caixa fechada; abre-a para verificar o seu conteúdo e fica satisfeito. Sujeita-a debaixo do braço para dizer, aliviado:

– Estes papéis já *eles* não apanham! Nem que eu...

Guedes, atónito, receia que o velho tenha enlouquecido. A medo, pede-lhe:

– Calma, Anselmo. Está tudo tranquilo!

Anselmo não o atende:

– Aconteça o que acontecer, não me apanham! – Faz uma pausa e acrescenta: – Fica aqui para não te molhares mais. Eu vou lá acima buscar o protótipo que quero entregar-te com esta caixa. Promete que me guardas tudo!

Sai a correr, loucamente esbaforido, sem esperar resposta. À entrada daquela espécie de gruta, Guedes vê-o desaparecer na escuridão e trepar os degraus toscos com a caixa debaixo do braço.

Os relâmpagos e os trovões sucedem-se. Guedes vê a água da chuva a escorrer, abundante, pela superfície rugosa das pedras no exterior, à entrada. O tempo passa.

De súbito, um grito rouco. Ou um estralejar dilacerado?

E o som de um baque surdo, estremecedor, ali mesmo, diante dele.

Anselmo Mayer fica caído a seus pés, morto. Despenhara-se do alto da varanda cimeira da casa. A pequena caixa, considerada preciosa, está aberta, mas vazia e semidesfeita, a seu lado.

Alguns papéis caem depois, espalhados, muito devagar. Deixam no ar uma poeira luminescente que faz brilhar como pérolas as gotas das cordas

da chuva. A velha pedreira começa a reluzir na noite como um céu amplo, estrelado.

Escorrendo pela face do morto, as gotas parecem contas frias misturadas com lágrimas quentes de humanidade.

bibRIA

O candidato

Abriu-lhe a porta o chefe em pessoa. Era o último dia da prova. Apertou-lhe a mão em silêncio e ofereceu-lhe uma cadeira junto à mesa, no gabinete inóspito. Tirou da boca larga o cigarro, bateu-o entre os dedos, fez cair no tampo um rolo de cinza e, apontando-o, disse-lhe:

– Escreva-me setenta e cinco linhas sobre isto. É o seu trabalho, hoje.

O candidato a jornalista imobilizou-se na surpresa. Só por troça ou birra poderiam pô-lo a redigir quase cento e cinquenta linhas de texto composto sobre tema tão árduo e ardido!

Era então «aquilo» o jornalismo? Não, por certo, o das notícias. Seria o da crónica, das *stories* à americana?...

Pois bem, nem pestanejou. Pegou numa folha, introduziu-a meticulosamente no cilindro da máquina e corrigiu os marginalizadores. Entretanto, o seu cérebro trabalhava velozmente. Como deveria responder àquele desafio?

O chefe expeliu uma fumaça mais longa e, antes de bater com a porta, atirou por cima do ombro:

– Esta prova é a última, a decisiva. Tempo, duas horas.

O candidato começou a suar. No cubículo sem ventilação, crescia um calor pastoso, do aquecimento central, e ele sentiu-se metido numa prensa, com tubos de néon a tremeluzir um metro acima da cabeça. Eram os tubos ou partes do seu crânio que zuniam no ambiente?

Irritava-o um pouco aquele «escreva-me», quando bastaria um «escreva» sem mais suficiência. E que poderia ele escrever sobre o mísero morrão de cigarro tombado sobre a cobertura negra da secretária, à frente dos seus olhos? Ou deveria focar antes o gesto que o soltara? Recordaria os malefícios do tabaco em crise de originalidade? O fumo da combustão? A vantagem da higiene? A serventia das cinzas e dos cinzeiros? O perigo das queimaduras na pele?

Riu-se, amarelo, para dentro.

Ou, melhor, recordaria as origens históricas do hábito de fumar, primeiro como remédio aconselhado pelos médicos, depois o advento de *monsieur Nicot* e da sua invenção, a utilização do papel como envoltório, a introdução da manufactura e tudo por aí adiante?

Descreveria o aspecto do pequenino rolo, o seu cheiro, a sua leveza loura, os numerosos vocábulos que o designam no nosso léxico – farol, prisca, beata, paivante, mata-ratos, etc. –, ou deveria falar dos países que produzem as folhas e os cigarros, a expansão do seu consumo, a importância económica do produto? Sem entrar em devaneios literários?!

Para além da ilha de Cuba e dos Açores, não se lembrava de outros centros produtores. Ele era uma consciência ansiosa, comprimida contra um muro grande, impenetrável. «Escreva-me»!

Os dedos, esperando pelas ideias, poisavam sobre as teclas como servos obedientes à espera do sinal da partida por um caminho porém inexistente. Decerto o chefe, ou alguém por ele, estaria a observá-lo à socapa, cronometrando-lhe as hesitações e pontuando-o negativamente. Os minutos escorriam, tinha que dar-se pressa.

Mas as ideias não se arrumavam. Tropeçavam umas nas outras dentro da sua cabeça, como figuras atarantadas a fugir a um incêndio num teatro: enredavam-se, confundiam-se, amontoavam-se, e nenhuma conseguia sair da barafunda.

A pressa de carregar nas teclas exasperou-lhe os nervos e, passado tempo, transformou-se numa vontade louca de, com um murro na máquina, fugir dali para se afundar no desemprego crónico, no descrédito vizinho da desonra. Outros jornais iriam saber do seu fracasso e também lhe fechariam as portas.

O candidato suspirou longamente. Condenava-o alguém que nem sequer queria conhecê-lo.

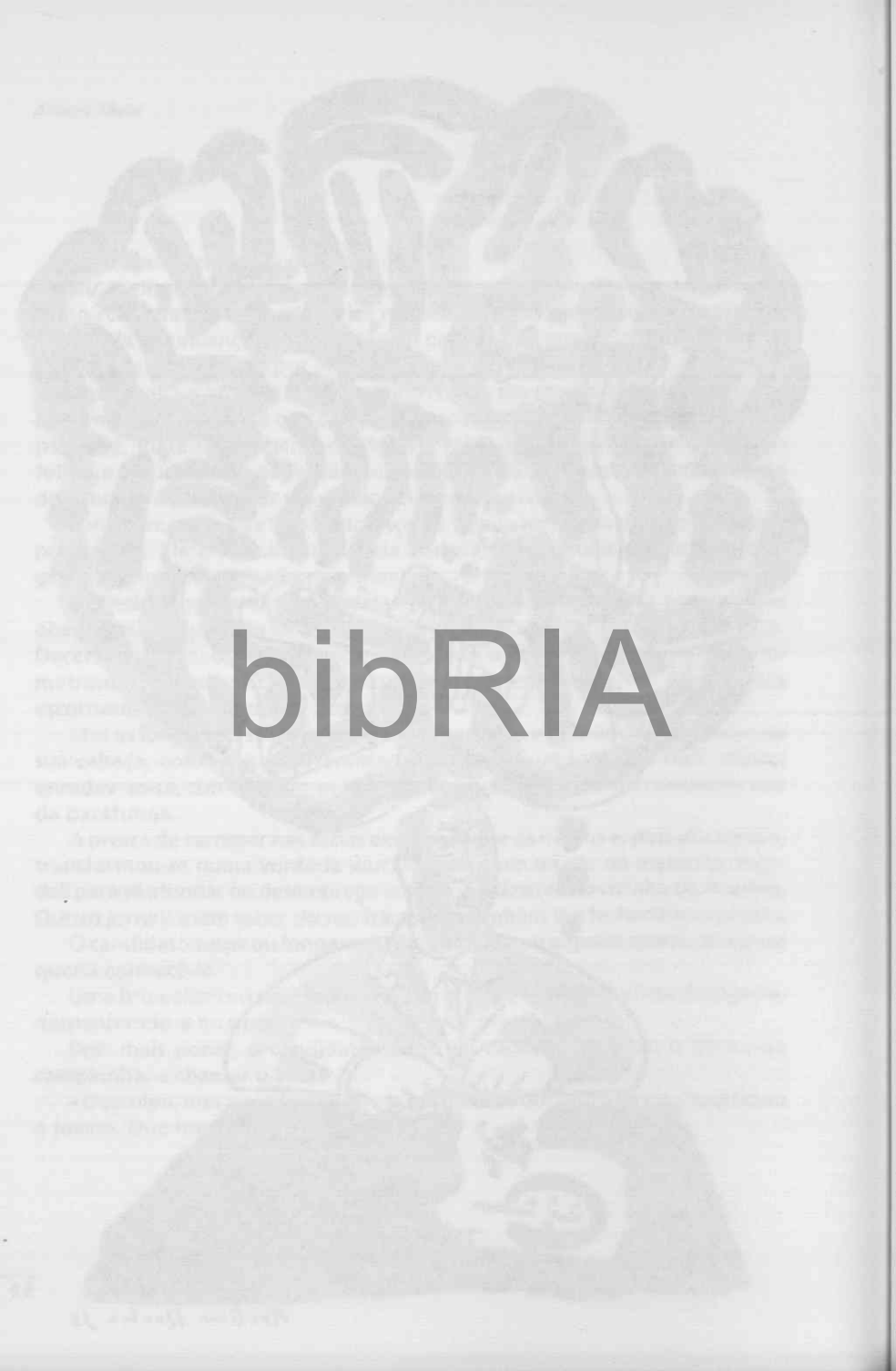
Uma brisa alastrou pelo tampo da secretária e fez rolar a cinza do cigarro, despenhando-a no piso.

Sem mais poder, o candidato saltou da cadeira e premiu o botão da campainha, a chamar o chefe.

– Desculpe, mas agradeça que me propusesse um outro tema – balbuciou o jovem. Que humilhação!



Avelino Rocha 55



bibRIA

O chefe fitou-o por cima dos aros dos óculos: mal o veria de tão míope que era. Num rompante, amarfanhou na sua mão direita a folha de papel que trazia e atirou-a ao chão.

– Escreva sobre isto, se prefere, ou sobre nada. Resta-lhe uma hora e meia para as setenta e cinco linhas! – gritou, eclipsando a pança.

O candidato contemplou, de novo surpreso, o papel amarrotado caído a seus pés. Sentia-se alvo de uma partida de mau gosto. Mas, sem mais remédio, baixou-se, apanhou a bola e colocou-a em cima da secretária.

Na redacção de um jornal onde, ao que se sabia, trabalhavam muitas dezenas de pessoas, porque teria de se haver com aquele chefe e não com outro?

Não lembraria ao diabo fazerem-no escrever sobre temas tão idiotas como aqueles, de cinza de cigarro e papel amarrotado, quando a actualidade da cidade e do país era tão fértil. Mas ali estava ele como se estivesse num campo de lutas, com violentos combates corpo a corpo, e quisessem obrigá-lo a focar não as cenas de violência e espanto a que assistia, mas o estertor da simples mosca que sucumbia, anónima, no meio do fragor cataclísmico!

Sem dúvida, caçoavam dele. Ou seria um teste às reservas da sua imaginação? Pretendiam acaso tomá-lo como ficcionista?

Que poderia alguém, enquanto jornalista, escrever acerca de uma folha amarfanhada, por exemplo? Significaria uma reacção de impaciência, de raiva? Uma procura da expressão perfeita, uma eloquência arredia, sentimentos vividos, fingidos?

Poderia aquilo ser uma espécie de pedra lançada contra o destino, o inimigo, o mar, o vento? Que poderia exprimir uma folha de papel atirada para longe, feita numa bola, num gesto largo?

Seria o jornalismo teatro?

Melhor: careceria o texto jornalístico de alguma espécie de encenação, conforme ouvira um mestre sugerir?

Não! Ele pretendia um lugar na redacção do jornal, sim, mas queria-o para escrever sobre matérias concretas, de interesse geral. Por isso a função jornalística tinha interesse público e beneficiava de direitos e garantias legais. Ora ele queria escrever notícias, reportagens, entrevistas escaldantes, tudo o que é informar, comunicar, isso sim, não escrever contra-relógio quase

cento e cinquenta linhas de texto composto sobre assuntos tão idiotas como um morrão de cigarro caído numa mesa ou acerca de uma folha de papel amarrotado por sua excelência o chefe.

Desistia! Não se via talhado para aquilo. Antes resignar-se a vender enciclopédias, ou ao desemprego, à inutilidade.

Saiu, hirtó, do prédio. Interiormente sentia-se a espumar, mas, no fundo, era quase doce e fresco o lago da sua melancolia. E uma parte de si próprio, em fogo, banhava-se nele.

No passeio parou, desenrolou lentamente aquela folha intrigante e, admirado, descobriu que era a primeira do seu trabalho feito na véspera. Na folha, em diagonal no canto superior esquerdo, via uma frase manuscrita a vermelho, seria do chefe. Aplicou a vista no gatafunho e leu: «O jornalismo é uma literatura do real, não o real».

Retrocedeu e era tarde. As vagas estavam todas preenchidas, disseram-lhe.

Vagas para meros colaboradores da redacção, talvez para estagiárias ou para algum contratado a prazo. Preenchidas por gente bem recomendada, concluiu ele falando para si mesmo.

biografia

Ponte franca

Senhor Presidente: escrevo-lhe para o felicitar calorosamente pela medida do maior alcance que acaba de tomar. A ideia de recolher as redes laterais dos passeios da ponte e de reduzir a altura dos seus parapeitos é acertada e verdadeiramente benemérita. Temos de pensar nas pessoas carecidas que, devido à idade ou à debilidade, não podiam trepar a protecção. Eu pude, felizmente, quando um dia tal me apeteceu, e só lamentei a existência da rede, colocada logo por baixo, porque foi ela que travou o meu desejado voo em direcção ao rio, mas também essa rede foi agora retirada.

Parabéns, senhor Presidente, pela acção que franqueia a ponte e a devolve, com o rio, aos habitantes da cidade. E bem haja pela modernização que opera nas nossas vidas e costumes.

Tal como estava, a ponte era indigna de nós, cidadãos de corpo inteiro vivendo com os olhos postos no dealbar do terceiro milénio. Tal como estava, humilhava-nos, reduzia-nos à infima condição de seres sem direito à liberdade que os governantes apregoam. As protecções laterais da ponte eram escandalosas, chocavam os habitantes e os próprios turistas, que concluíam da cidade, sem mais, que era de suicidas. Continham-nos como peixes apanhados em malha estreita ou loucos carneiros dispostos a saltar a primeira rede, que se erguia na vertical sobre o muro de protecção, mas cairíamos na segunda, estendida horizontalmente por baixo, e dificilmente chegávamos a despenhar-nos, como farrapos esvoaçando ao vento, no rio.

Ora, apesar de todos esses cuidados, certo é que, em cada ano, caíam ao rio umas dezenas de pessoas. Há números que recenseiam os mortos, feridos e estropiados, quem quiser que os consulte porque são eloquentes, ou então fale com o barqueiro da margem direita que, desde há muitos anos, se especializou na recolha dos corpos sacrificados. Com a sua voz rouca, é uma estatística falante.

Todavia, nem todas as tentativas feitas pelos interessados para atingir a fundura resultavam. As protecções, afinal, cumpriam o seu papel na medida em que se tornavam detestáveis.

O senhor Presidente avaliou certamente a frustração, a vergonha, o sofrimento de toda a pessoa que, depois de vencer o primeiro obstáculo, nada pequeno, se precipitava confiadamente, esperando atingir o rio num fatal mergulho, e se via apanhada, dois metros abaixo, pela traiçoeira rede horizontal. A tentativa falhada virava-se contra o autor do gesto de duas maneiras: era registada para sempre na respectiva ficha pessoal da memória colectiva e o desgraçado via-se condenado à vida, com todos os agravantes, no momento crítico em que a sua vida perdia (ganhando) todo o sentido! E não tinha apoio de sociedades protectoras de animais, ligas de direitos humanos, associações pró-eutanásia, corporações religiosas.

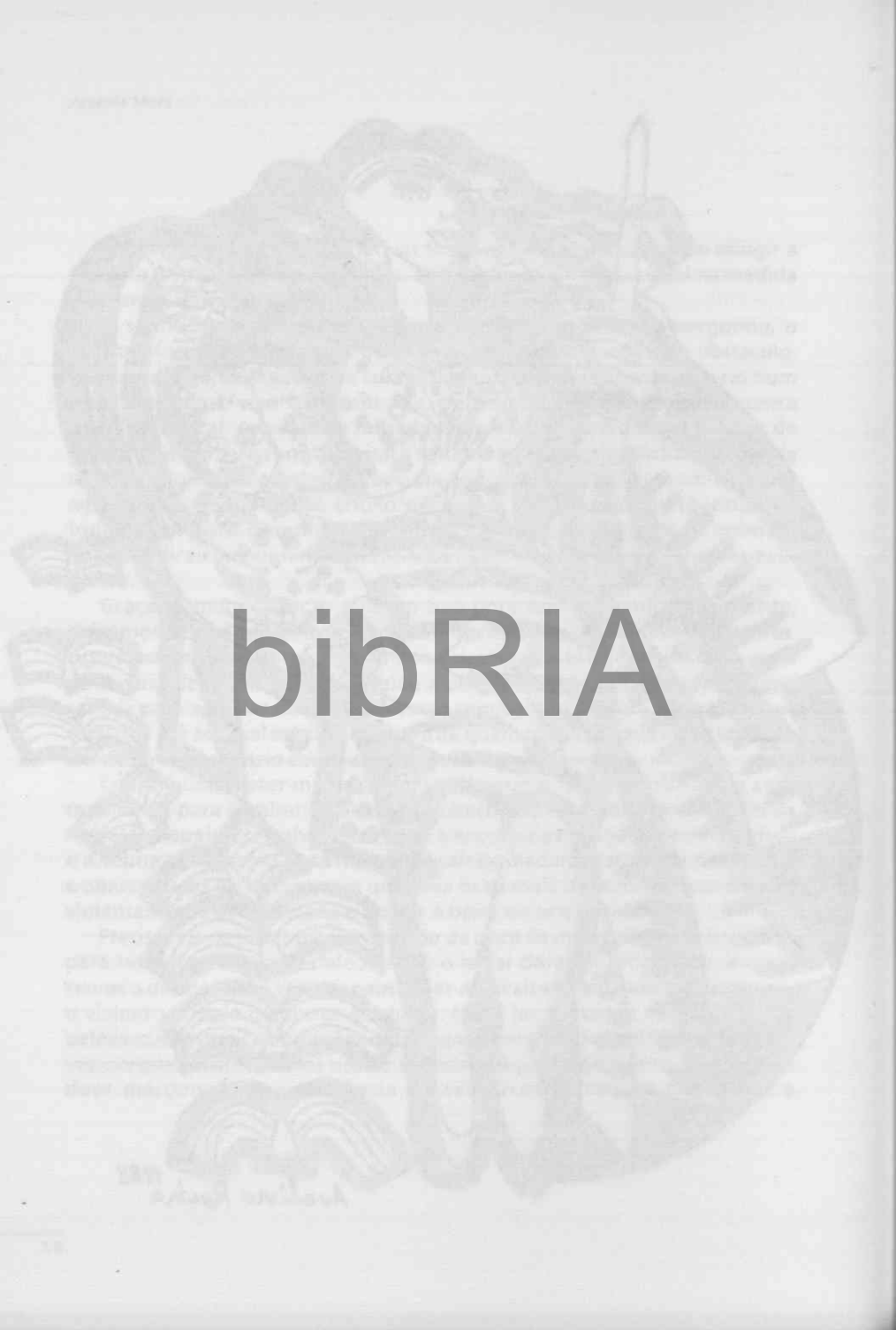
Graças à modernização que em boa hora operou, senhor Presidente, deixámos de ser rebanho contido em aprisco por desconfiados pastores. Agora podemos contemplar o rio sem a desagradável interferência na visão da cortina de redes metálicas. Valeu a pena eu ter saído do hospital numa corrida para apreciar isto! Também vejo com agrado a altura dos parapeitos reduzida até ao nível médio da cintura de quem passa, porque assim restaura em nós o livre-arbítrio com a dignidade recuperada.

Como é bom deter-me aqui, a meio da ponte, onde a brisa sopra com mais força, para admirar o panorama soberbo do rio e do casario, ao fim da tarde! Um apelo irresistível obriga-me a encostar a barriga à precária defesa e a debruçar-me como fruta no ramo a cair de madura, para olhar para baixo e abarcar tudo no instante em que uma brisa mais forte me faz estremecer violentamente de felicidade e horror à beira do precipício!

Precisamos de sentir o hálito gelado da boca da morte prestes a tocar-nos para restaurarmos no desfalecimento o ardor da vida! Precisamos, e mais, temos o direito! Mas, veja-se, nem todos os locais servem para experimentar o violento arrepio de horror e volúpia. Neste local, porém, ostenta-se uma beleza que enfeitiça multidões desde sempre – e ninguém indagou alguma vez porque construíram os nossos ancestrais a ponte no ponto onde liga as duas margens com a elegância do seu arco! Tornou-se necessária à



Avelino Rocha 1988



bibRIA

comunicação das populações através do rio quando os barcos deixaram de servir?! Explicação assim tão singela satisfaz alguém com dois dedos de testa? Além disso, conduz a outra questão misteriosa, que é a de se saber porque confluíram e se amontoaram as populações naquele ponto.

Não sei responder a tais questões, mas sei que é local raro, com um estranho sortilégio, e isso me basta. E posso perguntar: os lugares dos sacrifícios sagrados que conhecemos das velhas civilizações, apesar de terríveis, seriam muito diferentes? Por outro lado, não se ergueram templos de religiões diversas uns em cima dos outros, desde tempos imemoriais, em determinados sítios, consagrando-os?

Temos de ver a ponte e a sua envolveria ribeirinha com olhos mais clarividentes. Pensemos! Quando a ponte actual foi construída, imagine-se a quantidade de vidas já ali sacrificadas ao longo dos tempos. A própria construção da ponte, que se arrastou por anos, devorou uma boa dezena e, depois de entrar em uso, continuou a cevar-se de muitas vidas. Em regra, as pessoas não compreendem isto por escassez de pensamento. Conhecem lendas antiquíssimas que lembram sacrifícios impressionantes outrora praticados para propiciar a realização destas obras, mas não são capazes de chegar a conclusões. Reclamaram contra os suicídios na ponte, exigiram a colocação de redes protectoras, e continuam sem perceber a misteriosa atracção do local. E quando falam da sua beleza, sentem-na, mas, por medo, não a compreendem nem a explicam.

O senhor Presidente, sendo reconhecidamente cordato, finalmente percebeu tudo aquilo que eu, ao preço de ser considerado louco, sinto e tento dizer há muito tempo. Por isso mandou retirar as detestáveis barreiras, intuindo com certeza que elas estavam ali como água a derramar-se sobre uma invisível fogueira sagrada que alto devia arder. E, senhor Presidente, fez mais: deu-me razão, confirmando-me na solidez das minhas crenças. Hoje, deveras encorajado, ousou expor pela primeira vez estas ideias por escrito. E agora atrevam-se a dizer que sou louco fugido de manicómio. Louco é quem nele manda! Uma prova: seria o director capaz de escrever isto?

E aqui estou eu, senhor Presidente, agradecido até à comoção perante este cenário de maravilha e perante quem assim agiu ao serviço do bem comum, neste tempo em que se extinguem os empregos, as famílias se

desagregam, a massificação se generaliza e a população envelhece sem Estado-Providência, manta curta que sempre cobre quem mais a puxa porque está quente e não quem mais precisa.

Com verdadeiro sentido de Estado, o senhor Presidente soube dar à população da cidade, na hora própria, o que ela precisa. Sem dúvida vai ser alvejado com críticas inconsequentes, acusações malévolas, piadas de mau gosto, porque há gente que atira para cima de nós as suas ignorâncias como se devêssemos suportá-las. Mas não se deixe quebrantar. Responda a essa gente com aquilo que eu tenho vindo a estudar, a pensar, a descobrir!

Veja-se a quantidade enorme de pinturas, desenhos e fotografias que exibem este mesmo cenário das margens da ponte e do rio. Pode dizer-se que, desde há séculos, se revela um persistente (e por isso perturbante) desejo de o fixar. Este local impregnou-se misteriosamente da força de um símbolo, mas as pessoas que o contemplam, ou que o vêem reproduzido nas abundantes imagens em circulação, distinguem apenas o que sentem como «beleza» do local e não conseguem ver mais nada.

Porém, nós sabemos, senhor Presidente, que a dita «beleza» não é mais do que a emanção imediatamente sensível daquilo que está por detrás dela e que a poderá explicar. É uma força misteriosa, avassaladora, tremenda e insaciável, para mim indefinível. Se puder designar-se com o nome de «beleza», teremos então que dar à palavra todo o alcance significativo de uma mortal sedução ou de um feitiço resultante da secreta mistura da imagem com a magia.

De facto, não é possível ver, *ver* realmente, a face da «beleza» e continuar-se impávido, vivo. Trata-se de uma visão exterminadora porque é final. Depois dela, resta apenas a breve passagem para a morte – como libertação a mais gloriosa de quem ficou cego depois de contemplar a... «beleza». É o que, por exemplo, o clássico filme «Morte em Veneza», de Visconti, me exprime. Mas, por favor, que ninguém lamente a sorte dos contempladores da dita «beleza»! São pouquíssimos os eleitos e muitos, muitos, os que vivem na perpétua escuridão. Esses, coitados, penduram as imagens de perigosa «beleza» nas paredes interiores das suas casas e salvam-se apenas porque as contemplam de relance, durante breves momentos, como puras exterioridades. Falta-lhes estoicismo para assumirem a tragédia.

Essas pessoas, que da «beleza» autêntica só vêem o bonito, não se atrevem a relacionar os dados. Esquecem as lendas que falam dos sacrifícios humanos outrora requeridos pela construção de cada nova ponte, primeiro como ritual religioso e depois como acidentes inevitáveis, portanto «fatais». Resistem a extrair as mais lógicas conclusões. Não se apercebem de que os sacrifícios humanos dos tempos bárbaros foram substituídos neste nosso tempo pelos acidentes considerados «fatais», porém mais sangrentos ainda.

Senhor Presidente, escrevo-lhe do meio da ponte agora franca, com o olhar a perder-se na fundura do hipnótico abismo. Contemplo o admirável casario das margens, a suavidade quase erótica da curva da corrente fluvial e esta atmosfera de enlevo que paira aqui como um golpe de asa imobilizado no espaço. O fim de tarde de Outono enche-se de um oiro tão belo que me dói e dá ânsias de morrer, sentindo a beleza indescritível da luz na água do rio e, lá adiante, na foz e no oceano, onde se formaram nuvens purpurinas coroadas pelo Sol que num estertor se extingue em glória no topo da sua esteira luminosa. Vislumbro enfim o rosto cegante do que não tem nome a revelar-se para além da beleza deste lugar propiciatório, e neste momento sei à evidência que tudo isto vai continuar a existir para além de mim...

Não tenho mais palavras, tempo. Ah, senhor Presidente, é só deixar-me cair, aqui vou eu em viagem direito ao Sol!

Deixo estas folhas debaixo de uma pedra. Oxalá que a minha carta sem demora lhe chegue à mão.

bibRIA

A verdadeira história de uma descoberta

Esta é a verdadeira história do meteorologista e da sua formidável descoberta abaixo do tronco: estavam ali duas hastes articuladas que serviam para caminhar.

À semelhança de qualquer outra descoberta importante das que têm surgido no Mundo, a do meteorologista passou, na altura, despercebida e foi feita com a lentidão de quem subia degrau a degrau uma pirâmide de revelações. Todavia, embora trivial na aparência, mostrou-se profundamente revolucionária.

Na infância, como toda a gente, o homem aprendera a equilibrar-se nas pernas e depois a caminhar. Seguindo a norma, cresceu e, também como tanta outra gente, acabou por nunca chegar a senti-las verdadeiramente. Melhor poderia sentir que lhe faltavam se acaso um acidente lhas levasse. Contemplava-as, pálidas e esguias, no espelho, esfregava-as ao dar-lhes banho, vestia-as, sentia que sentiam frio ou calor, doíam-lhe com as pancadas e podia até arriscar-se um pouco a reconhecê-las, quase por palpite, misturadas numa fotografia entre várias outras, mas, para todos os demais efeitos, era como se não as tivesse dependuradas no corpo.

Um dia, as instalações em que trabalhava foram ampliadas e desapareceu o espaço nas traseiras onde o pessoal arrumava os automóveis.

Lia o meteorologista, nesse tempo, os primeiros textos ecologistas. Não o impressionavam deveras, ao que se julga, e todavia ele começou a servir-se do Metro e do autocarro, meios de transporte que o forçavam a caminhadas terminais, entre a casa e o emprego, em cada trajecto.

Habitualmente viajava de pé, imerso em moles humanas que oscilavam como maciços de algas fustigadas por correntes marítimas contraditórias. Aí terá advertido, nebulosamente, a primeira sensação de ter pernas, na medida em que aprendia a fincar-se nelas nas curvas e nas travagens. Os trajectos nos transportes colectivos, premonitórios, tornaram-se proféticos.

Quando uma série de greves paralisou as redes públicas, o homem, decerto prevenido contra as emanações excessivas de dióxido de carbono atiradas para a atmosfera urbana pelos motores de combustão, vendeu o automóvel, aliás bastante envelhecido e então com a nefasta tendência para se entregar imoderadamente aos carinhos do mecânico, seu mercenário amante.

Heroicamente, o meteorologista preferiu assumir naqueles dias uma plena condição pedestre e, porque no emprego não furava as greves, antes a elas aderiu sem visível esforço, ganhou um ar de ecologista de esquerda coerente e discreto, ainda que mostrasse não se importar deveras com partidos e políticas.

Nos dias em que os transportes colectivos paralisavam, saía mais cedo e percorria uma distância considerável para chegar com a pontualidade do costume ao emprego, onde colegas de repartição, sabedores do caso, o recebiam com festa.

A façanha, a bem dizer, derreava-o, mas foi assim que o homem começou a tomar consciência de que tinha realmente no corpo duas pernas que serviam para esta acção tão nova e tão velha: caminhar, saltar, correr, estar de pé. Sentia já com certa nitidez e algum prazer diluído a existência das suas hastes, o trabalho das articulações, o movimento lançado para diante e a terminar, passo a passo, nos pés, ondeando do calcanhar em direcção aos dedos.

Sentia também, com espanto e maravilha, o chão firme que palmilhava, as subidas e os declives, as irregularidades do terreno, as distâncias geográficas percorridas como respiração gasta a tactear formas terrestres electrizadas por intenso erotismo. Compreendeu por fim que viajar é exactamente viver, ou melhor, derramar-se. E, numa iluminação, percebeu que deixava um rasto de si próprio, um fio de sangue e cinza estendido pelos lugares que atravessava, preço de uma portagem que ia pagando passo a passo.

A fisionomia das ruas revelou-se-lhe outra, desconhecida, cheia de prédios que contemplou pela primeira vez, tantos anos depois de julgar conhecê-los.

Na verdade, concluiu, havia pelo menos duas ruas em cada rua: aquela que do seu automóvel em trânsito lhe fora dado ver e esta outra, que só pedestres podiam apreciar, com os desníveis e os buracos nos passeios, os sons e os cheiros, as cores de cada porta e de cada cortina, certos pátios





bibRIA

interiores entrevistados como inquietantes visões de pobreza. A velocidade do movimento de uma pessoa, fosse a pé ou de automóvel, alterava o aspecto captável de cada rua, por outro lado sujeita a sucessivos cambiantes de luz, e o homem ficava feliz porque o descobria.

Tanto gosto punha nas caminhadas que já ia ao emprego pelo prazer do trajecto e não pelo trabalho ou o salário, dos quais se ia desinteressando. Acabou por banir o autocarro e as boleias oferecidas pelos colegas que moravam na sua zona, radicando-se definitivamente nas pernas para delas se apropriar por completo.

Nem precisava já de sair de casa mais cedo para, à hora regulamentar, se fazer presente à entrada do edifício. Caminhava agora com agilidade, graças ao exercício que insistia em fazer também nos fins de semana, trepando aos montes suburbanos. E quando os colegas, arrelhiados, se queixavam na repartição dos congestionamentos de trânsito que os forçavam tantas vezes a chegar tarde, o homem não fazia segredo do remédio: andassem a pé como ele, sempre pontual.

As suas conversas, perdendo graça e variedade, giravam exclusivamente em torno das pernas e da respectiva função, o que confirma o aforismo de que as descobertas se fazem ao preço de nelas ficar cativo o descobridor. Porém, falto de eloquência, nunca persuadiu alguém a acompanhá-lo. Acabou por se tornar monótono o meteorologista, pelo que se isolou entre colegas e conhecidos.

Tinham-no na conta de excêntrico e, quando o viam pelas ruas, ele a pé e eles dentro de automóveis sujeitos aos semáforos, com a suspeita-certeza de que iria antecipar-se-lhes outra vez, tornava-se ainda mais detestável.

Não era no seio da sua família mais popular o meteorologista, um ser bizarro que, pouco a pouco, ia alterando hábitos de comer, vestir, dormir. Mal abria a boca, recolhido em casa.

Estudava demoradamente, todas as noites, o mapa da cidade em busca de novos itinerários e, com o auxílio de régua e calculadora, avaliava com a maior exactidão possível as distâncias que percorria entre casa e emprego, anotando os tempos gastos.

O itinerário mais racional somava, pelas suas contas, perto de quatro quilómetros. Ora ele gastava, no melhor dos casos, quarenta minutos,

aproximadamente, a percorrer a distância. Atingia, portanto, uma velocidade média de uns seis quilómetros por hora. Seria pouco?, avaliava para si mesmo o meteorologista, orgulhoso com este resultado.

Evidentemente, as condições climáticas exerciam influência, tal como o vestuário e o calçado, a época do ano e o período do dia. A meio da tarde ou, em recurso, a meio da manhã eram os melhores períodos para caminhar. Só que, nessas alturas, estava ele à secretária, a organizar o ficheiro das temperaturas máximas e mínimas registadas nas últimas décadas – o trabalho que, em jeito de castigo, agora lhe atribuíam.

Muitas vezes, o meteorologista, impacientando-se, saltava da cama e saía de casa antes da hora. Satisfeito porque sentia as pernas cada vez mais firmes, fazia rodeios por ruas e bairros, ladeiras empinadas junto ao rio, vielas e praças sonolentas.

Pessoas havia que paravam e se voltavam para melhor o apreciarem à luz frouxa da aurora, admirando-lhe o passo ligeiro e fácil. Por vezes, alguns rapazotes chegavam a estugar o passo no seu flanco, querendo com ele competir, mas logo ficavam vencidos, para trás, meros restolhos agitados pelo vento que o impelia.

O meteorologista desenvolvia as pernas, já tão velozes que resolveu prestar atenção a exhibições de atletas em marcha de competição que por vezes apareciam no televisor. Tinha um objectivo secreto: igualá-los em velocidade, que não em estilo. Horrorizavam-no aqueles quadris de varinas carnavalescas a ondular.

Com a sua técnica avulsa, ele percorria cerca de seis quilómetros ou talvez um pouco mais numa hora, mas os recordistas da marcha, pelo que lhe constava, não conseguiam averbar velocidades muitíssimo superiores. Pois que ardessem de inveja, caso viessem a descobri-lo!

Ele não caminhava em pista, nem a multidão em redor o atijava para a meta. Caminhava sozinho, apenas com uma voz a segredar-lhe, no fundo mais negro do cérebro, que devia mexer-se fora de casa e do emprego, ao ar livre, como se estivesse atolado até à cintura num formigueiro imenso e dele quisesse sair para o seu solitário contentamento.

Assim se desenvolviam mais e mais as pernas do meteorologista, com o que se atrofiavam as partes restantes do seu corpo, como se unicamente as hastes nele servissem para abraçar e possuir o mundo.

A figura geral do homem alterou-se, ficou grotesca. A cabeça mirrava e quase desaparecia nos ombros estreitos, e o próprio tronco e braços mal assomavam em cima das pernas poderosas, muito altas e finas como as dos flamingos.

Ele compreendia que lhe sucedia algo de contristante e terrível, mas uma força maior fazia-o puxar constantemente pelas pernas, curioso de saber até onde o conduziriam. E as pernas, obedientes, iam esticando na escala das velocidades, pareciam maravilhosamente elásticas. Deixavam-no impotente para as deter, embora já pudesse pressentir que o levariam, ai dele!, à perdição.

Para se consolar, considerava o meteorologista que outras pessoas eram atingidas por não menores deformações. Por exemplo, fazia escândalo o caso do Balmaceda: ficou com o corpo praticamente reduzido ao aparelho digestivo; era só boca larga, de lábios grossos, e estômago redondo como uma caldeira, e profusão de tripas transparentes, com repulsivas fermentações. Ao Queirós, por outro lado, cresceram-lhe mãos elefantinas: tornaram-se-lhe tão gigantescas que, embora sempre ávidas, mal as podia mexer no termo dos bracinhos raquíticos; careciam de ajuda, suportes; o desgraçado, a bem dizer, nem tinha mãos, eram mais as mãos que o tinham a ele.

Estes e outros casos reconhecidamente escandalosos lembrava-os o meteorologista ao sentir o rasto de espanto que ia estendendo pelas ruas por onde tinha de passar, com a sua figura insólita, de roupas esvoaçantes como velas de navio-fantasma e, na cabeça mirrada, de pássaro, os cabelos em desalinho. Até assustava as criancinhas, ouvia-se dizer, mas, livrando-se de casa e do emprego (duas grilhetas!), ele já conseguia marchar algo mais de sete quilómetros numa hora e as pernas continuavam, elásticas, a esticar.

Montado naqueles dois cavallinhos dóceis e fogosos, sentia-se com asas e apenas lhe faltava erguer voo. Igualaria os atletas medalhados tivesse ou não camisola com emblema, cronometristas, fiscais, testemunhas, aplausos. Sem jamais correr, havia de tornar-se leve, muito leve, até quase não tocar no solo, chão sujo. Pelas pernas, rasgando o espaço, ele se libertaria.

O meteorologista pensou que era isso precisamente o que lhe cumpria, ainda que ao preço tremendo de, no momento seguinte, ter de ir repousar,

como bolinha de sabão que o menino solta e depois se volatiliza no ar azul, rebentando à altura da janela onde sua mãe assomaria para o chamar, da rua, pelo nome.

bibRIA

O jardineiro descalço

Saiu do gabinete do presidente ainda a arrumar nas mãos o bloco-notas e o gravador e descia os últimos degraus da escada em direcção à porta de saída já a perguntar-se onde estaria o bate-chapas, mas não tardou a vê-lo surgir, muito animado, de braço erguido e expressão radiosa. Tinha ido fotografar um pelourinho do século XVIII atirado ao chão, devia ter encontrado qualquer coisa doce para lhe amaciar as pedras.

– Não precisas de me dizer: descobriste uma cara bonita com olhos abertos para o forasteiro malandroco – atirou ao bate-chapas, nome que dava ao companheiro repórter fotográfico.

– Sim, encontrei uma beleza local, mas descobri mais qualquer coisa que devias ficar a conhecer. Um fenómeno! E a entrevista, correu-te bem?

– O costume. O homem nunca mais se calava e não disse nada de jeito.

– Então o que vais escrever?

– O costume: o entrevistado nada diz de novo, mas o chefe manda encher meia página.

– Então vou-te consolar. Anda daí comigo, vou-te mostrar um verdadeiro fenómeno!

– Não te esqueças das horas. Temos de regressar.

– Acalma-te. De resto, acho que as fotos que fiz ao presidente ficaram boas. Poderás aproveitar três, terás de escrever menos.

– Está bem, está bem. Onde me levas?

– Vou-te mostrar um jardineiro descalço.

– Aqui? Um jardineiro? Descalço?...

– Sim, isso mesmo.

– Mas que interesse tem?

– Duvidas? Então repara só na extensão deste campo. Parece abandonado, cheio de silvas, impenetrável. Ora desengana-te: já foi um grande jardim, razoavelmente cuidado, que existiu no meio da praça central.

- Ah! Este silvado imenso que estamos a circundar chegou a ser um jardim?
- Aberto no centro da urbe. Foi o que a Margarida me contou...
- A Margarida?
- Sim, a rapariga que conheci quando fui procurar o pelourinho.
- Um jardim público... antigo, abandonado.
- Já sabes, o que é de todos não é de ninguém.
- Mas falaste de um jardineiro descalço...
- Que não é antigo! Fica sabendo, é actual...
- Um jardineiro que pica os pés no matagal das silvas?! Como pode entrar alguém em tão selvática maranha? O jardim pode ter existido outrora, hoje certamente nem a memória dele resta!
- Enganas-te. Vou-te mostrar como se pode entrar lá dentro e falar com o jardineiro. Margarida indicou-me a passagem e garantiu-me que se trata de um tipo curiosíssimo.
- Estou a topar-te. Queres que vá contigo fotografar um tipo esquisito para que converse com ele a ver se escrevo qualquer coisa para acompanhar o teu boneco.
- É um pouco isso, está bem. Mas, por favor, não me espetes já essa agulha de recriminação.
- É mais uma das tuas fantasias. Queres ver furos jornalísticos em qualquer lado...
- Deixa-te de lérias. Entramos por aqui! Toma nota, o homem chama-se Daniel.
- Isto parece mais uma corredoura para coelhos do que...
- O homem ainda não conseguiu abrir uma passagem melhor, que queres? As silvas invadem tudo e ele está sozinho na amplidão do terreno.
- Repara, o túnel por onde seguimos, curvados, ramifica-se através de outros ainda mais pequenos, que atravessam a maranha em diferentes direcções. Lá de fora, quem o diria!
- Tem um aspecto ermo e selvagem, não tem? Por isso engana. Mas avancemos.
- Olha, ali adiante abre-se uma clareira!
- E ali temos o jardineiro no seu jardim!
- Um espanto, estes canteiros de flores no meio do abandono.

- Espantado está o homem a olhar para nós, não vês?
- Boa tarde, senhor Daniel. Pela sua cara, vejo que não costuma ter visitantes por aqui.
- Nunca mais ninguém aqui entra, só eu.
- Somos jornalistas.
- Quem nos falou de si foi Margarida, uma rapariga que também me disse qualquer coisa sobre o seu jardim e me ensinou a forma de entrar.
- Não a conheço. Estou aqui há muitos anos, ocupado em tratar do jardim, pouco sei do que se passa lá fora. E que desejam os senhores?
- Só queremos olhar para isto, que é tão bonito, tirar umas fotografias e conversar um pouco consigo, se estiver de acordo.
- Conversar? E que posso eu dizer?
- Explique-me porque anda descalço tendo em volta tantas silvas? Não se pica?
- Oh, pico-me, e muito. Mas eu preciso de sentir a terra viva debaixo dos pés...
- Como Anteu... Para ter energia...
- O quê?
- Nada, nada.
- Deixe-o lá, senhor Daniel, o meu companheiro tem o papo cheio de mitologia. Conte-nos antes de que maneira começou a interessar-se por esta ocupação.
- Foi simples. Eu, como toda a gente, passava por aqui em volta e só via um silvado imenso a crescer. Nem queria olhar. Um dia aproximei-me um pouco e vi com surpresa uma rosa lindíssima a crescer no meio dos espinhos. Fiquei transido. Calhou-me depois vasculhar um pouco e deparei com uma flor rara. Cresceu então em mim o espanto.
- Porquê?
- Ora, não percebem? Como podiam encontrar-se flores autênticas, belíssimas, no meio das silvas do maior abandono?
- As silvas também podem dar alguma flor.
- Diz isso talvez porque não distingue uma flor selvagem de uma flor de cultura.

– E era esse o caso?

– Sim, era. Mas o meu espanto teve uma resposta quando vim a saber que neste matagal existira em tempos um jardim público. Toda a gente o havia esquecido. E eu fiquei na luz.

– Percebeu que as flores que despontavam entre os espinhos pertenciam ao antigo jardim, e mais, que eram flores que não queriam morrer?...

– Percebi principalmente que outras haveria, espalhadas por aqui a esmo, ignoradas mas não mortas.

– E então...

– Senti-me na obrigação de as procurar uma a uma, por entre as silvas, para as trazer de regresso à plena luz do sol.

– Quer dizer que nunca mais tratou de outra coisa, que nunca mais saiu daqui?

– Poucas vezes, sim. Parece loucura, não? Mas, repare, o terreno é grande, as ervas daninhas avançam com rapidez, quase comem numa noite o que eu desbravo num dia. Quem poderia virar as costas a isto? Não seria de gente, com certeza!

– Mas este bocado, bem grande, onde estamos, está realmente transformado num autêntico jardim, para todos os efeitos. Parabéns, senhor Daniel, pela sua obra!

– Oh, não, não diga isso que até parece mal! Se soubesse avaliar o que está a perder-se por esses cômodos cerrados! Tanta flor perdida! E que pena, que pena...

– Compreendo. O senhor Daniel conhece mais ou menos a riqueza do jardim antigo, portanto declara-se insatisfeito com tudo quanto conseguiu recuperar. É a sua perspectiva. Repare, porém, nas flores belíssimas que você faz abrir neste interior, admirável pátio das delícias!

– Desculpem-me a interrupção. Posso trepar para aqui? Queria tirar umas fotos. Mas acho que vai ser difícil captar esta profusão magnífica de canteiros.

– Veja estas roseiras! Sabe? Há poucos meses ainda estavam amachucadas, sumidas na sombra. E agora, ei-las radiosas, em cor e fragrância. Uma pessoa olha para isto e sente-se recompensada.

– Mas o senhor Daniel cansa-se a cultivar flores alheias num terreno público... Não poderia cultivá-las em jardim da sua própria casa?

– Acha que, estando elas aqui, são menos minhas? Não! Eu queria que aquilo que é de todos, de todos fosse realmente. Mas quem quer saber? Isto acaba por ser muito mais meu do que eu desejaria. É o que me incomoda. Há flores para todos, tenho-as de sobra para mim! Algumas ofereço-as, outras consigo vendê-las. Mas ninguém me ajuda à colheita.

– O que é de todos não é de ninguém...

– Ninguém, de facto, aqui entra. Algumas pessoas curiosas metem o nariz, de longe, e vão-se embora como que satisfeitas até mais não. Algum menino avança de noite, sorrateiro, para levar daqui uma flor para o seu vaso doméstico ou para exibir na lapela. E é tudo.

– E o seu maior desejo seria ter alguém ao lado para o ajudar...

– Sim. Ou, pelo menos, alguém para um dia continuar sem mim...

– Ah, o senhor Daniel receia que toda esta obra de recuperação desapareça consigo!

– Sim.

– Receia que o silvado vença outra vez o jardim que era público e que, pelo seu esforço, agora subsiste como privado no interior denso do abandono.

– Sim.

– E já estou a ver, será esse o maior desgosto que a vida lhe pode dar.

– Sim. Porque, quando este jardim se perder de novo no meio da incultura, não serão sacrificadas apenas as flores antigas, todas tão diferentes e todas tão belas. Pelo menos uma flor nova, absolutamente original, aqui nascida, será também devorada pelas silvas.

– Que flor é essa?

– Tem um aspecto surpreendente e uma cor viva de secreto perfume. É minha, estou a criá-la.

– O senhor Daniel, não há dúvida, é uma pessoa rara.

– Já fiz as fotos. E é tarde, concordo. Podemos ir embora?

– Está bem. Gostei de falar consigo, senhor Daniel.

– Adeus. Passem bem.

– O caminho da saída não é menos custoso que o da entrada...

– Pronto, está ali o carro, podemos partir.

– Diz-me: tencionas escrever qualquer coisa sobre o nosso jardineiro de pata ao léu?

- É mais do que isso. É um poeta com os pés na terra! Quanto a escrever, não sei. De que forma poderia falar de um caso destes?
- Isso não mo perguntes, não sei. Sou bate-chapas, lembras-te?

bibRIA

Toda a nudez

Correndo nu pelo arvoredo, rasgo para mim a liberdade... Alio verbo e gesto ao saborear esta frase, mas depois troco *liberdade* por *libertação*. Tenho o corpo modelado pela brisa e a ela me entrego com frenesim apaixonado, num arrebatamento que me embriaga como vinho capitoso tragado sem medida, a sós.

A estas horas, quando o sol se dependura no zénite, o areal fica inóspito. Refugio-me então na frescura próxima do arvoredo, tufo verde entre colinas que me lembra um púbis secreto. Penetro-o desde há dias e vou-me deixando reter enquanto percorro os seus trilhos frescos, veias abertas na carne da terra. A luz solar tremula, a esfarrapar-se no chão que piso, fazendo estalar pequenos ramos e restolhar ramagens secas. No ar mistura-se o cheiro da resina com numerosos outros cheiros claros, de urze e rosmaninho, húmus, pólems e carumas, e eu, atravessando a floresta e os seus zumbidos, por ela me deixo penetrar. Parece-me extensa, infindável, como toda a busca sincera de libertação, mas hoje creio definitivamente demonstrado que toda a libertação tem de se fazer através do corpo e com o corpo, na assunção plena da natureza que há em nós, portanto com restauro dos sentidos, com erotismo intenso, talvez até com paixão. Esta evidência desvela, por outro lado, até que ponto o meu corpo adormeceu e se embotou, e como é excelente o acto de o acordar. Estou a nascer outra vez!

A floresta tem mil olhos. Sinto-os abertos sobre mim, a seguir-me através da mata. De início, com o sexo a bater-me nas coxas, acompanhava-me o vago amargor de uma culpa, um indefinido remorso. Toda a nudez será castigada, advertia-me uma voz ancestral. Mas agora o arvoredo é propício, abre-se-me como fêmea fértil e eu, possuindo-a, é a mim mesmo que nela mais completamente me possuo.

Numa volta do caminho, inopinadamente, deparo-me com uma rapariga em fato de banho. Quase esbarro nela! Gaguejo uma desculpa: é a primeira

peessoa que encontro nas minhas errâncias pela floresta. Eu já estranhava como podiam conservar-se bem desenhados os seus trilhos, se não via um pé sequer a pisá-los, ou seja, a mantê-los abertos na vegetação. De qualquer modo, ela faz-me parar. Afigura-se-me perdida.

Todavia, a rapariga diz-me que não carece da ajuda que eu declaro pronto a dar-lhe. É bem bonita! Curioso, não a perturba visivelmente estar comigo, nu, no interior do arvoredado. Fafa-me com toda a segurança, ou com uma naturalidade não artificiosa, parece-me, e como estou a agradecer-lho no íntimo, dadas as minhas penosas circunstâncias!

Com um aceno discreto, deixa-me nas mãos a toalha que trazia em volta do pescoço e assim me cubro. Mas a peça é de tamanho reduzido. Tenho que a segurar pelas pontas com ambas as mãos sobre as ilhargas, e resignar-me à humilhação de continuar de nádegas nuas. De qualquer modo, estranho que a toalha, melhor diria toalhete, possa servir para alguma coisa à rapariga que, tudo o indica, vem da praia como eu. Estranho ainda a firmeza com que insiste comigo: pretende convencer-me de que sou eu e não ela quem se perdeu. Já conheço bastante bem a floresta e aponto-lhe uma saída, a mais racional estando nós no ponto onde nos encontramos, e a rapariga contradiz-me: aquilo é uma simples clareira na densidade, não a orla distante.

Deixo-me conduzir. Aprecio a aventura porque é excitante, mas, sem lhe adivinhar o desfecho, enredo-me num crescendo de estranha inquietação.

Passado tempo, continuamos a caminhar no meio do arvoredado. Descemos e subimos colinas até perto do vale, depois a vegetação perde viço e frescura, subimos para zonas de arvoredos e arbustos diversos, onde o ar, de tão seco, parece crepitar nas manchas de meias sombras escaldantes. Sinto-me perdido, mas vou seguindo a rapariga que caminha em silêncio, movendo num convite as ancas redondas diante de mim. Confessarei que ela me atrai poderosamente?

Por fim, vejo-me entrar numa edificação imponente, rodeada de altas sebes. Sem explicações, a rapariga entrega-me a uns indivíduos severos, à entrada, como quem alija um fardo ao cumprir uma obrigação rotineira. Sinto-me gélido.

Um dos indivíduos, de cabelos e bigodes brancos, com farda e insígnias de coronel, e um gordo padre de negra veste, e um juiz togado e com



Anilino Rocha
95



bibRIA

cabeleira postiça, fazem-me sentar numa sala, o que agradeço porque estou a sentir-me fatigado e, deste modo, escondo a minha carne pudica que o toallete não resguarda.

O coronel e o padre fazem-me ouvir enérgicas verberações contra a nudez, que declaram insultuosa, reles, animalesca. Eu tento intervir, justificar-me, enquanto a rapariga assiste, indiferente, à cena e não lhe denuncia o ridículo. Não existem campos de nudismo legais? Não nascemos todos nus? E não será toda a roupagem hipocrisia, anulação do corpo que é suporte humano de vida?

Mal posso abrir a boca. Não me deixam falar.

O coronel a explodir e o padre a fulminar deram pressa ao juiz: condenou-me!

Aterrado, julgo-me entregue a um bando de loucos fanáticos ou metido num sonho mau, o que dá no mesmo. Recordo a fogueira que ardia à entrada, um aviso. Nas chamas julguei reconhecer uma antologia de literatura erótica com capa sugestiva, entre livros de Casanova, Choderlos de Laclos, Rabelais, Wilhelm Reich, Henry Miller... e, por detrás das volutas de fumo negro, uma cruz incandescente. Olho para todos os lados, desejando fugir. Quero fugir! Mas como? Aquele bando de fanáticos, vestidíssimos da cabeça aos pés, são numerosos; espalham-se pelos quatro cantos e, para cúmulo, ao alto da sala do julgamento, leio agora num dístico o que a voz ancestral me dizia: «Toda a nudez será castigada».

Rio-me ou assusto-me? Uma criança, algures em mim, estremece de horror.

Trata-se com certeza de uma partida de mau gosto que os meus amigos estão a pregar-me. Ou trata-se de um tremendo equívoco? Aquilo não tem nada a ver comigo e eu não quero vacilar.

Ambiciono para mim uma daquelas roupas pesadas que há pouco abominava, porque estou gelado, mas já vou conduzido para fora da sala e, sempre de toallete nos quadris, símbolo da perda, atravesso corredores frios e cinzentos como a morte até que sou introduzido numa célula.

Não compreendo: as células são individuais, têm paredes transparentes e, dentro, vejo indivíduos de ambos os sexos, de muitas idades, deitados, nus, em posição fetal. Todos se vêem mas não se tocam. As células distribuem-se neste panóptico por vários pisos, em torno de um eixo central também

transparente, do qual se pode vigiar o que se passa à volta. Apesar de todo o meu espanto, de toda a minha angústia, tudo isto tem para mim algo de familiar, tornando-se portanto ainda mais atroz.

Já não me admira ver a rapariga, à distância, entrar numa célula e deitar-se sozinha, nua, encolhida como um feto.

De início, a rapariga surgia-me como uma extensão natural da floresta libertadora, mas ela acaba de assistir à minha degradação com uma odiosa indiferença – ela, a culpada! Todavia, devo reconhecê-lo, não quer melhor sorte para si mesma. E eu, tendo-a à vista integralmente nua, indefesa, embora sem poder tocar-lhe, não me revolto. A rapariga vale para mim um pouco de claridade no escuro poço em que estou a cair.

Admito: estará ela impossibilitada de exteriorizar qualquer sentimento pessoal sem se expor a graves riscos? Enfim, não posso crer que alguém, e muito menos ela, tome a sério a gravidade da minha culpa e, ainda menos, que a ache proporcionada ao acto que a suscita, tanto mais que fui arrastado ao engano para este manicómio. Num caso destes, eu teria boa razão para considerar que alguém soltava, completamente às cegas, os seus monstros contra mim.

Faz-se o negrume. Os corredores circulares, com os seus anéis de células inumeráveis, ressoam na noite com uivos de dor e desespero. Ecoam na solidão até a deixarem petrificada, alucinante. Estou tomado por um terror sem nome, denso e imenso, até que, encolhendo-me também, toco com a cabeça nos joelhos e tento descansar um pouco das torturas.

Sei-o: dentro de cada célula encontram-se aprisionados os seres ansiosos de libertação. O medo dos outros transformava-lhes o corpo, antes flexível e pronto, em túbulo rígido e medonho. A sorte que me atinge já corrompe o futuro. Sendo injusta e mesmo incompreensível, faz-se regra devido a qualquer acidente ou desvio misterioso, algures. Perco-me não menos que os mais: com eles me poderei salvar... um dia. Sonho irremediavelmente com a libertação – com aquela rapariga. Mas, não sendo capaz de a amar aqui, não creio nela nem em mim. Envolve em roupagens o meu corpo frio e represento o papel que me toca, sabendo-me agora terminantemente condenado à tragédia.

O vírus entranhado

Antes da abertura, a reunião anual da Sociedade já tinha o ambiente eletrizado. Alguém pusera a correr que o autor do relatório ia proferir uma catilinária que a ninguém pouparia. Certamente, poucos terão acreditado no rumor, mas não foi preciso mais para varrer a sonolência. À última hora, a expectativa cresceu até envolver a reunião num interesse excepcional. O burburinho que desde cedo os sócios fizeram, amontoando-se à entrada, prometia que naquela noite ninguém iria ressonar nas cadeiras.

A agitação aumentou no átrio quando se alardeou um aspecto inquietante da personalidade do relator. Havia nele uma certa inclinação visionária que o tornava simpático e até, por vezes, divertido. Contudo, também exibía um gosto desmedido pela defesa das causas (ele dizia «das verdades») mais inconvenientes quando lhe dava na tineta. Era pessoa arredia, suspeito porque não pertencia a nenhuma facção, sabendo, porém, tornar-se incómodo para todas. Ainda assim, com o seu desmedido gosto pela independência, conseguira criar um prestígio que se ampliara com o correr dos anos.

Era, por assim dizer, um fóssil vivo da Sociedade, uma curiosidade de museu. As «verdades» que ele teimava em defender traziam o cheiro de armários velhos que alguém cuidava de abrir apenas quando precisava do passado para defender os seus interesses no presente.

Quando o relator surgiu no tablado, trazido pelo novo presidente da Sociedade, o público observou-o com tanta curiosidade que se esqueceu de, aplaudindo, lhe dar as boas-vindas. O homem, miúdo e seco, devia enganar com o seu ar manso, quase bonacheirão, quem o não conhecia, porque soaram queixas em surdina:

— Enganaram-nos!

— Em vez de baile e salsifré, o que este velho nos vai dar é bênçãos!

– Isto foi uma habilidade para virmos encher a sala!

Mas o homem, sereno embora enervado, teimou em se manter de pé enquanto o presidente, também de pé, o apresentava em termos frios e cautelosos, como quem insinua que, se o velho estava ali para falar, a responsabilidade do convite não era dele, mero cumpridor dos deveres de formal cortesia. E avançou logo com desculpas porque teria de se retirar sem demora, para atender a outras obrigações.

Sozinho, o relator, visivelmente sem mais paciência depois da ostensiva quebra da formalidade, aproximou-se do público para apresentar o seu trabalho. A assistência agitou-se: iria desabar o escândalo?

O homem encarou a multidão agora silenciosa e, dobrando as folhas que (resignado ou indiferente?) desistia de ler, anunciou que trazia para ali o resultado de uma pesquisa pessoal. Alguém teve que se ocupar de um fenómeno que, afinal, todos sentiam nos seus efeitos sem, todavia, se interrogarem acerca da causa dos efeitos que sofriam. Era, podia dizê-lo, o problema da actualidade (actual idade?) que maior debate exigia. Pois não reclamava a Direcção da Sociedade contra o desinteresse, o alheamento e a apatia que se acumulavam entre os seus membros? Não reclamavam todos contra a crítica fácil, a maledicência, a corrupção, o demissionismo? Não se apontavam amiúde os crescendos de egoísmo, individualismo, grosseria, violência?

Deteve-se o relator talvez para alinhar as ideias. Na sala formavam-se grupos cada vez mais nítidos. Ouvia-se o crepitar de murmúrios, cochichos de boca na orelha. Algumas frases audíveis saltaram no ar:

– Querem ver? Agora sim!

– Vai chover porrada!

– O presidente já deu o fora!

O relator viu uma parte da assistência a trocar sorrisos cúmplices, tomando-o certamente por vingador, mas prosseguiu.

Ao longo da sua pesquisa reunira materiais de género diverso, estudos e documentos, observações e testemunhos de alto teor depoente, porque os efeitos do fenómeno surgiam a todos os níveis da Sociedade. Começara por advertir a mudança dos tempos no espanto de ver muitos das novas gerações a espetar profusos objectos em orelhas, nariz, lábios, na própria língua, no

umbigo, no ventre; outros tatuavam densamente grandes porções de pele. Também via jovens a usarem cadeias metálicas, muitas cadeias, para conterem o *eu* mal conformado, assumindo por fora a condenação que os atingia por dentro. Entretanto, gaivotas em quantidade progressiva trocavam o mar para viverem em terra, nos telhados da Sociedade, onde disputavam às pombas os melhores poisos e alimentos e, por isso, cada vez eram mais híbridas e mais as pombas mortas...

– ‘Tás feito, coroa! – gritou uma voz num grupo de jovens.

O velho calou-se um momento e logo continuou.

Alertado por estes fenómenos inexplicáveis, em breve atentou noutros sinais não menos estranhos. A acidez crescente das chuvas e da terra estendera-se por todo o ambiente e agora eram as relações interpessoais e as próprias pessoas que se mostravam aciduladas. Todas reclamavam contra a Sociedade, que estava seriamente fraccionada e doente, e todas, em repetidos lamentos, apelavam em coro para a *unidade*, mas já ninguém sabia distingui-la entre tantas unidades avulsas. Ora, porque as pessoas não desistiam de converter os outros à sua própria unidade e porque isso tardava, apenas insistiam em mecânicas lamentações que ninguém já levava a sério.

O relator respirou fundo para dar mais ênfase ao que ia dizer:

– Estamos todos a viver na barafunda de uma guerra civil, incompreensível porque nem foi declarada, mas que é absolutamente real nas suas devastadoras consequências. Ninguém parece ou aparece em condições de ouvir, *ouvir* de facto, seja quem for, ninguém quer dar razão a outrem porque isso surge como um sinal de fraqueza. Os nossos dirigentes também se declaram cheios de razão no que fazem e dizem ou não fazem nem dizem, e gostam de dirigir sem contemplar, usando da força máxima. Impõem-se *para* terem autoridade, não por terem, simplesmente, autoridade. Transformou-se esta, de algo que se merecia antes para se exercer depois, em algo de conquistável a golpes de audácia.

O burburinho alastrou na sala como lume em restolho seco. A assistência entendia sobretudo o que queria ouvir pró ou contra em vez de ouvir o que ele estava realmente a dizer. E pedia mais. O relator abreviou o discurso:

– Em suma, tudo isto me vem inclinando para a conclusão de que a Sociedade está a ser invadida por um vírus exógeno mortalmente penetrante,

corrosivo e destruidor. As minhas observações permitem-me perceber que tal vírus se teria introduzido na Sociedade como os vírus da gripe, nas temperaturas frias do Inverno, ou seja, através do ar, mas é mais insidioso e mais forte do que os outros, que apenas têm a esperteza de fazer espirrar o infectado para, em renovadas quantidades, se espalharem na atmosfera. Com a máxima inteligência, o vírus preferiu atacar primeiro os dirigentes no topo da pirâmide hierárquica para mais e melhor poder disseminar-se, não à velocidade do espirro, que é simplesmente ciclónico, num único sentido, como se sabe, mas sim à velocidade de uma verdadeira pandemia, em todos os sentidos. O vírus entranhou-se na pirâmide da Sociedade até à base e por isso vivemos num tempo de invulgares convulsões. Não o sentem os infectados embora ardam em febres delirantes, sentem-no apenas os que, afinal poucos, sejam capazes de sentir os estragos denunciadores dos avanços do vírus no terreno...

De súbito, um indivíduo arrogante ergueu-se, corpulento, com o braço em riste, em manifesto desafio. Interrompeu sem cerimónia o relator para o interpelar directamente, cara a cara.

— Ora! Em que é que isso nos pode interessar? Queríamos era uma explicação para o problema da crise económica. É o que mais apouca a nossa Sociedade!

Realmente, embora ali ninguém quisesse concordar com ninguém, todos pareciam pensar pela mesma cabeça.

Medindo-o com olhar sereno, o velho enrolou os seus papéis. Desistia definitivamente de os ler. Colocou o rolo debaixo do braço e disse em resposta:

— Tem razão. Mas eu pergunto: não será isso mais um efeito terrível do vírus entranhado? Reparem: a Sociedade dispõe há muito tempo de especialistas devidamente formados nas ciências correlativas, e esses especialistas, naturalmente, têm sabido actuar ao longo dos anos. A própria Sociedade, com a elaboração dos seus orçamentos e planos anuais, e com a capacidade de intervenção dos seus dirigentes, tem vindo a impor soluções de equilíbrio sempre que uma resposta se tornou necessária à harmonização da actividade dos sócios. Por fim, o património da Sociedade permanece intacto. Logo, onde está o fautor da crise? A crise, embora grave, em última análise é inexplicável. Vejam, é inexplicável a não ser que todos concordemos em reconhecer a acção destruidora do vírus entranhado.

– Ah! – desabafou a assistência. A ideia devia parecer-lhe tão decepcionante e, ao mesmo tempo, tão sugestiva que ficou quieta para a ruminar.

– Sim! – tornou o relator. – Se quisermos resolver o problema da economia e vários outros problemas que nos afligem, temos de arranjar maneira de enfrentar o vírus maligno que nos perturba. Ele anda no ar e é ele que nos ataca, ainda que as pessoas não o sintam.

A oscilar entre a expectativa e o espanto, a assistência mexia-se nas cadeiras e, sobretudo, dividia-se. Os murmúrios subiam de tom, pois mais gente se manifestava em cima do ombro vizinho e já ninguém ia concordar com ninguém. Um canto da sala, em ardência, parecia querer explodir.

O orador teria que terminar imediatamente.

– Pouco mais poderia acrescentar – disse o velho. – Portanto, o melhor será terminar aqui, deixando-vos na companhia de um texto inédito que recolhi do espólio de um autor literário, membro recém-falecido da Sociedade. Como poderão ver, fala, num tom de profética advertência, do vírus da presente convulsão. O poeta, como as gaivotas, manda-nos o aviso. Saibam entendê-lo!

Com gesto largo de semeador, que também era de despedida, o velho lançou para a assistência grandes punhados de pequeninos papéis que se derramaram no ar como nuvem de confetti carnavalesco. O velho desapareceu no interior da nuvem enquanto facções da assistência se insultavam e agrediam com raiva crescente e os papelinhos caíam sobre as cabeças frenéticas, as cadeiras tombadas.

Quando o ambiente serenou, o chão estava coberto daqueles papelinhos. Apesar da sua leveza carnavalesca, conseguiam concentrar nas duas faces todo o texto seguinte:

ESTE SURDO RUMOR

Treme a So-cidade com tantos desgostos e cóleras. É um rumor surdo (contínuo, obsessivo), que destrói as derradeiras ilhotas de paz e se acumula nos ares e nos nervos. Ressoa nas vísceras como um rolar de avalanche pela encosta nevada ou como um rufo na pele hirta de um tambor de guerra. E todos os dias, ao princípio da manhã e ao fim da tarde, transforma-se num clamor imenso, arrepiante, enlouquecedor.

Também a horas mortas da noite, durante a madrugada, este rumor surdo não descansa. Vibra no escuro, propaga-se no terreno como um calafrio e trepa pelos edifícios urbanos como o estertor de milhões de existências despedaçadas. Torna-se então um pouco menos intenso – e quase não deixa dormir. Mas se fosse possível deter todos os motores, travar todas as máquinas em movimento, desligar as campainhas, imobilizar as multidões em fuga, anestesiar as discussões estéreis, talvez então ficássemos de súbito perante o som verdadeiro de uma hecatombe.

É o som da dor, esmigalhada e agrupada sob milhentas formas, a procriar-se, como desintegração nuclear, em cadeia.

A dor eclode, esbagoa-se em lágrimas. É lâmina de gumes implacáveis. Suspende a existência e assim perdura, para sempre viva no ser a sangrar – de pé. Mais do que as feridas, doem as cicatrizes.

As contrariedades quotidianas são já pequenos desgostos; muitos pequenos desgostos são já dor acumulada em carne viva. E a So-cidade treme, abalada por um surdo rumor.

A dor salta de carne em carne e espalha-se por contágio, como uma nova peste. É dor o que mais existe. Abraça o mundo e declara o seu império. E todos a aceitam, todos se lhe vergam, como se fosse o preço justo da vida e não tenham que regatear!

Morse de morte

Tremo ao escrever estas linhas porque receio, sinto no mais fundo de mim que estou a resvalar por um precipício medonho, pior, que estou a enlouquecer. Hesitei quanto pude antes de confessar isto ao papel. Dói! Animei-me apenas por me ver sozinho no quarto estranho, numa casa vazia, onde acontece a revelação que me afunda num espanto tresloucado. Não me sai da cabeça esta ideia lida algures: há descobertas tremendas que têm que pagar-se com a própria vida. Mas a descoberta que estou a fazer, se for mortal, não morrerá comigo. Isso não! Se eu tiver que estoírar aqui, alguém há-de ler este escrito!

Preciso de reorganizar as ideias, sim, de acalmar – mas como? Os acontecimentos sucedem-se, precipitam-se constantemente desde que isto começou. As pausas são poucas, são cada vez menos, e nunca sei quando terminam. Estou em permanente alerta e cada vez mais excitado. Sem pregar olho, evidentemente. Atento às mensagens que me chegam de um misterioso, estranhíssimo além-densidade.

O aparelho tem que estar sempre ligado, é ponto assente, pois, de contrário, como iria eu agora poder viver? Não posso deter-me e o calor já esbraseia o quarto, transformando-o numa fornalha. Suo e estremeço com calafrios que me sacodem o corpo da cabeça aos pés e não consigo parar, conter a atenção que dou ao enigma que me aterra. Interrompo. O aparelho recomeça a transmitir o seu morse. Faz soar mais uma sucessão de pequenos estalidos perfeitamente audíveis na quietude do quarto. Primeiro são breves e secos, depois longos e arrastados. Identifico-os à medida que surgem e que os vou registando no papel: ponto, ponto, ponto; traço, traço, traço; ponto, ponto, ponto [= SOS]!

Não é isto uma coisa de loucos? Digam-me francamente, não é de loucos?! Ou dará ganas de rir à gargalhada até partir as costelas? Vejo-me de súbito

caído num quarto de hóspedes, num prédio anónimo da cidade mal conhecida, entre o desarrumado recheio da mala semiaberta, sentado na beira da cama e de bloco-notas em punho, de olhos arregalados para o aquecedor eléctrico instalado na parede!

Delírio?

A cena é incrível e idiota, ridícula e patética, tudo isso que vocês queiram. Mas é assim mesmo e eu não posso fazer mais nada. O aparelho transmite-me apelos de socorro e não posso acreditar neles!

Quando aqui cheguei, logo antes de os locatários do prédio saírem para um fim-de-semana familiar, ao que me disseram, tudo me pareceu tristemente vulgar e trivial. Comecei a instalar-me e, porque o tempo já está por aqui um pouco fresco, a adivinhar o Inverno, resolvi experimentar o velho aquecedor com a suspeita de que não funcionasse. Liguei-o. Irradiava bastante calor, pusesse ou não o comando no mínimo, e eu, sentindo-me cansado, resolvi deitar-me na cama, de costas, vestido como estava. Devo ter adormecido ao de leve até que, na penumbra da semiconsciência, os pequenos estalidos do termostato do aparelho a ligar e a desligar a corrente, junto com os rangidos das placas metálicas a aquecer e a arrefecer, chamaram a minha atenção. E foi muito no íntimo, maquinamente, numa espécie de jogo infantil, que identifiquei uma primeira emissão de sinais. Pareciam morse!

De facto, os sinais limitavam-se a anunciar o início de uma transmissão. Era espantoso, mas não havia dúvida, o aparelho executou traço, ponto, traço, ponto, traço – e repetiu a mensagem, que facilmente detectei porque não esqueço o que outrora aprendi na carreira militar. A repetição sugeria dúvidas quanto à recepção – era como se alguém estivesse de longe a perguntar-se: «ainda não está ninguém aí?» – e um ou outro erro da mensagem, por exemplo a omissão do primeiro ou do último traço, exprimia um cansaço de quem procura comunicar há longo tempo e não desiste, embora não encontre quem fique à escuta.

Aí começou a crescer o meu espanto. Como podia um aquecedor, na sua simples aparência, produzir uma sucessão de sinais com um significado concreto para a inteligência? Sempre me dera riso aquela teoria das probabilidades segundo a qual um gato a passear por cima do teclado de

um piano acabaria por tocar o primeiro compasso da quinta de Beethoven. Ora bem, aqui tinha o aparelho diante dos olhos: estava ligado à electricidade, nada mais. Não era rádio, televisor, computador, telefone, nada disso. Como entender então o fenómeno? Soergui-me na cama, de ouvidos a estalar de ansiedade. Um início de transmissão anunciada por este meio?!!! Caramba, o que deveria eu pensar?

De qualquer modo, a mensagem anunciada não veio, só ouvi ponto, ponto, traço, traço, ponto, ponto [= ?], repetidos muitas vezes, também com algum erro, como se alguém quisesse comunicar comigo e ainda não coordenasse perfeitamente os gestos. Pelo menos, esta ideia acudiu-me!

A seguir, ouvi sinais que não formavam palavras inteligíveis: eram como que uma algaravia incoerente, significando algo como, se bem me lembro, *om ah hum*. Peguei então no bloco-notas e fiquei em guarda – fosse como fosse, nunca mais os pequenos ruídos do meu quarto poderiam passar-me inadvertidos!

No turbilhão das ideias que me percorriam o cérebro em todas as direcções, uma avultou de início: não estaria eu a ser vítima de qualquer brincadeira de mau gosto para os «apanhados» da televisão? A ausência dos meus hóspedes de repente tornou-se-me suspeita, mas a hipótese extinguiu-se logo por falta de consistência: não havia espelhos ou orifícios nas paredes quase nuas do aposento e os únicos vidros estavam na janela, em frontaria demasiado alta, que se abria para casario distante. E como poderia esta gente ter ficado ao corrente dos meus pessoais conhecimentos do morse?

Apesar de tudo, fechei a janela e desliguei todas as lâmpadas. Fiquei em escuridão quase total – a minha caligrafia vai ficar bonita! Mas tenho que me virar completamente para o aparelho e de nele me concentrar até se me tornar hipnótico. De facto, o meu espanto cresce, ilimita-se. É de mais!

E eis-me atentíssimo a um convector eléctrico de parede, estupidamente de olhos fitos na luz vermelha que se acende a cada momento por detrás do logótipo de uma conhecida marca de fábrica (sei-a inexistente: faliu há anos, deixando centenas de pessoas no desemprego – um caso que deu brado), como se dali estivesse a providir a Revelação Final e eu, o Escolhido, perante esta outra sarça ardente, logo fosse descer do prédio como da montanha para levar ao Mundo as tábuas de uma nova Lei...

Histéricas gargalhadas devastam-me o corpo húmido e fremente, fazem-me sentir ainda mais enlouquecido. Contenho-me porque me arrepio. Tudo me parece aterrador, sinistro.

Ponto, ponto, ponto; traço, traço, traço; ponto, ponto, ponto [= SOS], repete o aparelho com uma precisão admirável, como se quisesse varrer de mim todas as dúvidas. Desta vez tenho a ideia de pegar no canivete e desaparafusar a tampa que lhe esconde o interior, a fim de esclarecer o mistério. Pica-me uma derradeira esperança: alguma batota digna dos «apanhados» teria de estar a funcionar lá dentro, ou então eu estou irremediavelmente condenado à loucura.

Mas não me mexo. Não me arrisco a largar a escuta por um momento. Não ousou tocar no aparelho nem com um dedo: é intocável!

Quero descobrir até onde isto vai, mas já me empolga uma confusão indescritível, explosiva, pois... como encarar a...?!

Sim, o que pensar de um convector de parede, fabricado não para telecomunicações e sim para produzir o calor que de resto me envolve num abraço cada vez mais asfixiante e que, ao mesmo tempo, irradia pedidos de socorro que não sei de onde nem do que provêm?!

O aparelho com certeza não possui componentes electrónicos e, no entanto, transmite agora outros pedaços de uma algaravia incompreensível. Capto *mo gu dakini*, depois *phowa*, palavras soltas talvez advindas de uma oração agónica que também me lembram interpelações ensaiadas em línguas diversas por quem tenta em vão encontrar um código comum de intercâmbio. Estou absolutamente trespassado pelo espanto, sem raciocínio.

Uma única sensação me habita o cérebro explodido, imóvel como imagem de filme partido durante a projecção. Desvaira-me! Obriga-me a admitir o inadmissível: são os próprios materiais inertes, elaborados pela indústria com outra finalidade, que se animam, procurando, talvez desesperadamente, talvez há longos anos, estabelecer comunicação. Com que objectivo? Pedem socorro!

Tamanho mistério trespassa-me. Tanta gente do planeta parece estar a viver na era da comunicação por excelência, no meio do crescente império dos *media*, dos sistemas informáticos, de redes e mais redes de recursos electrónicos, sempre electrónicos... As mensagens, as informações cruzam-se

em caudal, sobrepõem-se abundantemente, amalgamam-se e anulam-se: não há mais possibilidade de receber e processar convenientemente as avalanchas diárias, a atenção de cada indivíduo anda assolada por violentíssimas ventanias. E é agora, quando já ninguém consegue ouvir alguém em boas condições, que acontece isto!

A matéria inerte, encontrada na forma de um vulgar convector de parede, parece ganhar vida autónoma, como que revoltando-se contra os meios comunicativos usuais e deles descrendo. Não são já apenas os indivíduos que se ensurdecem uns aos outros: são as matérias elaboradas da própria natureza que clamam...

clamam no vazio...

um morse de morte...

bibRIA

bibRIA

A exploração do buraco

Passeia o dedo distraído pela superfície. Demora-se, saboreando-lhe a lisura. Depois circunscreve a errância, regionaliza-se num ponto onde a perfeição parece ceder lugar ao defeito. A polpa do dedo percebe ali uma irregularidade subtilíssima, primeiro adivinhada mais que sentida na forma de um acidente quase imperceptível.

O dedo passeia pela região, apalpa-a interrogativamente. Uma borbulha instalou-se em plena maciez, revela-se agora ao tacto como um pequenino poro, promessa de furúnculo ou cratera ainda invisível mas, de qualquer modo, sem dúvida inexistente.

Fascina a exploração daquele ponto mais do que a superfície toda da parede, por outro lado hipnótica de tão deslizante, e a ponta do dedo gravita em torno da pequeníssima concha, rodopiando para a sentir como focinho de cão minucioso a farejar o forasteiro.

A superfície defeituosa descai de súbito e empoça, é uma concavidade já capaz de receber a polpa do indicador, sempre a rodar feito pião dentro de um prato. O espanto cresce no próprio dedo mais do que no cérebro distante, pois a parede apresentava a superfície firme e polida do dente abraçado pela língua na boca e neste momento mostra-se em fraqueza, cede.

Continua o dedo a pesquisa, roda em círculos lentos à espera não se sabe do quê, provavelmente de alguma revelação. No ponto crítico, a película superficial rebenta em estrela, esfrela-se por debaixo qualquer coisa e, de repente, o buraco alarga-se com desenvoltura.

Neste momento, dir-se-ia que a parede não é mais laminada a aço inoxidável, antes parece feita com massa pronta a esboroar-se ao mínimo toque.

Guarda um segredo antigo, que o dedo absorto, vedor de estranhas lepras escondidas, descobre com o espanto de quem acorda num sonho dentro de outro sonho.

O homem, por fim, presta atenção verdadeira ao que na parede surge na forma de revelação prestes a eclodir. Aproxima o rosto curioso e observa de cerca o pequeno buraco. Introduz-lhe o dedo, então verdadeiramente todo seu, e pensa: lá se vai a beleza impecável desta consistência brunida, a reparação deve ser cara e nada fácil de conseguir nestes tempos, ficarei com a superfície feiosa, estragada.

Enquanto o pensa, vai alargando o buraco. Com a ponta do dedo, o homem esmigalha o que parece bordos carcomidos, material caducado, estranho à parede e ao corpo vivo da casa, esperando a cada momento atingir o ponto sólido e aí se deter, tranquilo e de novo em segurança.

Introduz a mão no buraco e a parede não cessa de se desfazer em redor numa calíça esfarelada deveras intrigante, pois o homem estaria longe de imaginar que a parede, a «sua» parede, assim fosse por dentro. Já receia um dano importante, não uma simples beliscadura – que bom se fosse tão pouco!

Em teoria, pode interromper a exploração a qualquer momento, mas arrasta-o uma curiosidade esmagadora. Precisa de saber onde acaba realmente aquele buraco, agora que o descobriu, ou seja, em que medida aquela parede estará apodrecida para além da sua aliás tão brilhante aparência e, vamos lá, não apenas aquela parede mas também a casa inteira, se for possível, terá de o convencer da boa resistência dos seus materiais para que possa continuar a morar nela.

Precisa de averiguar, acima de tudo, o que existe do outro lado da construção velhíssima, aproveitando esta oportunidade única para desvendar o mistério daquilo de que a parede o separa. Alguns sons que se faziam ouvir em especial durante a noite e as lendas delirantes que nisso se originaram ao longo dos tempos poderiam receber por fim esclarecimento.

Enche-se o ar do cheiro incomodativo de poeira fina e mofo à medida que a parede da sua protecção desaparece. No mesmo lugar vão-se ampliando o buraco e o seu desamparo.

Enfia a cabeça e os braços no interior para trabalhar mais depressa, enquanto faz cair aos pés ondas de entulho podre, que empurra para os lados, impaciente, com uma ponta de raiva a mordê-lo. O buraco acaba por devorar os restos da parede e adjacências, atinge os umbrais de duas portas à esquerda e à direita, mantém-se voraz e o homem fica, lá dentro, de pé,





bibRIA



perplexo porque não se vê conduzido a nenhuma passagem. Avança, simplesmente, pelo interior da escuridão.

Resolve sair, descansar um pouco para ordenar as ideias em desordem e contemplar os restos da sua casa semidestruída, mas, no buraco, sons mais que nunca audíveis lembram-lhe vozes desconhecidas, perto, ansiosas por contacto.

O homem repega no trabalho, animado pela certeza de que está prestes a atingir o outro lado e a inteligência definitiva de todos os mistérios da casa. Nem precisa de recorrer a ferramentas, bastam-lhe as unhas, os dedos e as mãos para amontoar as excrescências, aquele fluxo de materiais caducados, algo repulsivos, que não cessam de se desfazer como simples películas de bolacha torrada.

Espantam-no agora as paredes que restam na casa e não, já, o buraco em crescendo. As paredes remanescentes conservam-se direitas e ele supõe-nas agora imensamente frágeis por detrás de todas as aparências. Receia mesmo aproximar-se e tocar-lhes, não desabem todas, deixando-o desvalido num espaço aberto, inclemente.

O buraco acaba por ser o local mais seguro de todos, e também o mais amplo e acolhedor, pelo que o homem nele decide morar. Abandona a velha habitação inabitável, arranja o interior da caverna como quem prepara a sua nova casa (prescindindo dos enganadores confortos antigos) e, lá dentro, no escuro, descobre-se a recordar, contristado, o momento em que se pusera a escarafunchar com o dedo o ponto anómalo na lisura de uma parede, princípio da descoberta da borbulha, depois buraco, mas reage e pensa que, graças a isso, avalia agora em que medida meros escombros milagrosamente de pé chegam a remedar a boa arquitectura.

Deitado sobre o colchão, o homem, empoeirado como um moleiro e sem sono, com os dedos a latejar e, talvez, sangrentos, afunda-se em melancólicas meditações. A sua bela morada transformara-se em montes de entulho e, em seu lugar, abrira-se o buraco inquietante. Continha-o a casa em si mesma, sonogado no aconchego da sua ilusória solidez, e ele, sem querer, detectara-o, atraído pelo magnetismo do enigma, no próprio ponto em que toda a estrutura da casa se fazia vulnerável.

Depois de nela viver tanto tempo na mais inocente credulidade, descobrir isso – que a casa continha em si o buraco através do qual prontamente se

esvaía – resultava perturbante em excesso. Abalava nele, de golpe, todas as certezas estabelecidas e a própria capacidade actual para ter certezas. Deixava-o preso na caverna escura como pedaço de carne latejante atirada para uma jaula de leões.

Tinha que prosseguir o seu trabalho, pesquisar até à maior fundura aquele problema inesperado, pois algures haveria de terminar a cancerização dos materiais em que tocava e reaparecer a solidez de alguma plataforma de apoio.

O homem retoma febrilmente o trabalho. Avança pela espessura da escuridão, que se desfaz em penumbras indecisas, e já se vê na figura do evadido a escavar a galeria secreta da sua fuga.

Onde se achará ele agora, exactamente? Longe de sua casa, sim, e longe o bastante para não mais a ela voltar por muito que tenha avançado em círculo.

Exausto, o homem repousa por fim e pensa que vai ficar irremediavelmente dentro da sua terrível descoberta, aquele buraco onde terá que morar para sempre sem chegar à fala com outros homens na plena luz do dia.

Escava ainda um pouco, de vez em quando, para desgastar as unhas. Nada mais lhe resta para fazer e a actividade acende nele uma réstia de esperança. Entretanto, pensa sempre. Se descobriu o buraco dentro da sua própria casa, isto é, num local absolutamente insuspeitado, talvez fosse de admitir a hipótese, não tão louca quanto pode parecer, de, a escalas diversas, gradualmente maiores, existirem no mundo outros buracos também incríveis mas prontos a revelarem-se à pesquisa. Ele vê-se como uma toupeira dentro da sua galeria, numa terra cavada por um complexo sistema de aquedutos para drenar as águas, dentro de um monte atravessado em variadas direcções por túneis rodoviários, num planeta cheio de fissuras ao longo das suas placas continentais à deriva, numa galáxia em rotação onde também emergem buracos negros. Deste modo, o homem imagina-se não mais do que o minúsculo bichinho introduzido sob a casca do último ramo de uma árvore majestosa perdida algures no Universo.

Índice

O zumbido	9
"Shopping Center"	21
O tesouro da arca	25
O incêndio	35
A fórmula	41
O candidato	51
Ponte franca	57
A verdadeira história de uma descoberta	65
O jardineiro descalço	73
Toda a nudez	79
O vírus entranhado	85
Morse de morte	91
A exploração do buraco	97

Poderá um conjunto de contos ser lido como um romance? Eis a proposta que parece contida em *O Vírus Entranhado*. Neste livro estranho e perturbante, Arsénio Mota encadeia um número cabalístico de ficções para nos dar uma visão algo terrível do nosso tempo. O processo do julgamento corporiza-se em formas de grande inovação e originalidade que se revestem de elementos notoriamente fantásticos para mais se realçarem, no espanto, as cores realistas.

bibRIA

ISBN 972-610-205-7



9 789726 102052